

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

AQUINO, Paulo Rogério de. Paulo Rogério de Aquino (Paulo Serdan) (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 12min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Paulo Rogério de Aquino (Paulo Serdan)  
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** História de vida

**Entrevistador(es):** Bernardo Buarque de Hollanda; Bruna Gottardo; José Paulo Florenzano;

**Levantamento de dados:** Raphael Piva Favalli Favero;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Raphael Piva Favalli Favero;

**Técnico de gravação:** Carolina Soares Pires;

**Local:** São Paulo - SP - Brasil;

**Data:** 25/11/2014 a 25/11/2014

**Duração:** 3h 12min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

**Temas:** Agradecimentos; Anos 1970; Anos 1990; Atividade profissional; Clube de Regatas do Flamengo ; Eleições; Elites; Esportes; Eventos e comemorações esportivas; Família; Formação escolar; Japão; Mídia; Mulher; Polícia; São Paulo; São Paulo Futebol Clube ; Sociedade Esportiva Palmeiras ; Sucessão presidencial; Torcidas de futebol; Viagens e visitas;

## *Sumário*

Entrevista 25.11.2014 Apresentações iniciais; a mãe e o pai Michel Serdan, lutador de luta livre e telecatch; a cidade natal São Paulo, no bairro da Vila Maria; a ida para a casa dos avós e a aproximação com o futebol; a formação escolar até a oitava série; o primeiro emprego como office-boy; a demissão por conta dos compromissos e brigas na torcida; os jogos de futebol na escola e o convite para um teste na Associação Portuguesa de Desportos; o tio jogador do São Paulo Futebol Clube; a primeira ida ao estádio em 1978, na final do Campeonato Brasileiro; a escolha pela torcida Inferno Verde; as torcidas da Sociedade Esportiva Palmeiras no final dos anos 1970; torcedores símbolos das torcidas organizadas; a relação com o clube do Palmeiras; a primeira caravana para Campinas contra a Ponte Preta; o processo da criação da torcida Mancha Verde; a mudança do símbolo do Palmeiras de periquito para porco; o primeiro presidente da Mancha, Dorival Menezes; a saída de Dorival após uma briga com o Sport Club Corinthians Paulista; a eleição de Nelson Ferraz da Silva Barros (Atibaia); Cleofas Sóstenes Dantas da Silva (Cléo) e a criação de alianças entre torcidas; o episódio da briga contra a torcida do Cruzeiro Esporte Clube uma semana após o assassinato de Cléo; as ameaças que Cléo sofria e o dia do assassinato; as sedes da Mancha Verde; a torcida na década de 90; a escolha de liderança após a morte de Cléo; a explosão de popularidade da Mancha enquanto estava na presidência; os impactos do crescimento do clube como marca; o episódio da briga em 1995 entre Palmeiras e São Paulo Futebol Clube; a ida da Mancha para escola de samba; os efeitos do fim da torcida organizada; a mídia depois da briga de 1995 e o episódio da ida ao batalhão da PM; o afastamento da torcida em 2005 e a aproximação do samba; a experiência como presidente da escola de samba; a relação com o clube enquanto presidente de torcida organizada e as cobranças; a presença da torcida nas decisões do clube; a relação entre clube e torcida nos anos 1980 e 1990; o conflito entre Mancha e Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) no período da eleição de Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo; vivências no período de inauguração do Allianz Parque (Arena Palestra Itália) e relação com a WTorre Empreendimentos Imobiliários S.A.; o preço dos ingressos da Arena e elitização da torcida; a participação da Mancha Verde no Conselho Deliberativo do Palmeiras; a participação feminina dentro da Mancha; a rivalidade com o Clube de Regatas do Flamengo; opiniões sobre um possível código entre as torcidas; a rivalidade das torcidas refletida nas escolas de samba; as escolhas dos enredos da escola de

samba; perspectivas para o desfile de 2016; a derrota do Palmeiras em Bragança, 1989; a experiência no jogo do Palmeiras no Japão e o encontro com os Hooligans; agradecimentos finais.

*Entrevista: 25/11/2014*

B.B. – Boa tarde. Hoje é terça-feira, 25 de novembro de 2014, gravação da entrevista de Paulo Serdan, ex-presidente da Torcida Mancha Verde e atual presidente da Escola de Samba Mancha Verde. Esse é o projeto Territórios do Torcer, uma parceria entre a Fundação Getúlio Vargas e o Museu do Futebol. Participam dessa gravação: Bernardo Buarque, José Paulo Florenzano e Bruna Gottardo. Então, boa tarde, Paulo. Muito obrigado por vir aqui ao Museu do Futebol, por conceder essa entrevista para nós. É, para a gente, uma alegria e um orgulho, receber você aqui no Museu. Gostaria de te perguntar, Paulo: você é natural de São Paulo, da cidade de São Paulo? Você é paulistano?

P.A. – Sim, paulistano, nascido na Vila Maria.

B.B. – Em que ano você nasceu?

P.A. – Nasci em 1967.

B.B. – Conta um pouquinho sobre seus pais, Michel Serdan, sua mãe, seus avós...

P.A. – Na verdade, minha mãe se casou muito nova com meu pai, Antônio Carlos de Aquino, mais conhecido como Michel Serdan, lutador de luta livre e *telecatch*, que já foi uma febre um dia, e a gente... Eu nasci na Vila Maria; meus pais... A gente morou na Vila Maria até meus 7 anos de idade e depois minha mãe e meu pai acabaram se separando e a gente acabou mudando para a casa dos meus avós, no Brás, ali próximo ao Pari, perto da rua Oriente. Aí foi quando eu acabei me envolvendo muito mais no futebol, por causa dos meus avós. A minha família inteira, inteira, com exceção de dois, um padrinho e um tio, meu padrinho de batismo e meu tio, que eram corintianos, o restante, todos palmeirenses, todos. E os dois que não eram da família, na verdade – meu padrinho era casado com a minha madrinha, que era irmã do meu avô, e esse tio, que até jogou no São Paulo, que era casado com a irmã do meu avô. Então, os dois que não eram da família não eram palmeirenses, mas o restante, todos, como meu avô dizia, palmeiristas. Não é nem palestrinos; é palmeiristas.

B.B. – Você mostrou um... Você trouxe um ingresso do jogo de estreia – estamos aqui no Estádio do Pacaembu –, que seu avô teve a oportunidade de presenciar.

P.A. – Meu vô acompanhou, veio. E depois de anos... Isso ele guardava com muito carinho. E depois de anos, ele me presenteou, o que, para mim, também foi uma honra, porque a gente acaba vivendo muito o futebol e existem situações que... são detalhezinhos que te marcam. Então eu guardo com muito carinho. E quem sabe uma hora a gente até consiga doar aqui, na hora que tiver condições, doar para o Museu do Futebol, não é?

B.B. – Paulo, você estudou onde?

P.A. – Na Vila Maria, eu estudei num parque infantil que eu não me lembro o nome, mas era ali na... Existe até hoje. Começava... Acho que a primeira série ou alguma coisa assim lá e depois passei para uma escola regular, e depois, quando eu mudei para o Brás, eu estudei no Colégio Santo Antônio do Pari, que é um colégio de padres da igreja, que até o meu avô por parte do meu pai foi um dos marceneiros que fez toda a parte de marcenaria da própria igreja, a igreja Santo Antônio do Pari. Então, aí eu passei uns bons anos estudando no Colégio Santo Antônio do Pari. Depois a gente acabou mudando para a Mooca, e aí eu estudei num colégio na Mooca, e depois a gente mudou para o Centro de São Paulo, ali na Bela Vista, e aí estudei num outro colégio, na Consolação.

B.B. – E aí você estudou até...? Você fez...?

P.A. – Estudei até a oitava série. Aí, depois... Eu fiz a escola da vida, depois. Depois fui viver... Comecei a trabalhar com... Naquela época, você podia trabalhar bem mais novo, o que é um erro na lei de hoje. Mas eu completei 14 anos dia 3 de fevereiro e dia 10 de fevereiro eu já estava registrado, trabalhando na Pancrom Indústria Gráfica, no Cambuci. Então, eu comecei lá como *office-boy* e aí fui promovido a trabalhar no fotolito – eu era contateiro – e trabalhei na Pancrom... Acho que quatro anos, eu trabalhei na Pancrom. Três anos e meio. Acabei perdendo o emprego por causa do Palmeiras, por causa das caravanas. Acabava faltando na segunda-feira, chegava machucado toda hora, aí chegou uma hora que eles não aturaram mais e acabaram me mandando embora. Se eu não me engano, foi depois do jogo de Marília. Porque

foi triste, o jogo lá em Marília, eu voltei com uns dez pontos na cabeça. Voltou um monte de gente machucada desse jogo aí. E aí acho que foi depois desse jogo que eles me mandaram embora.

B.B. – Então o gosto por futebol e pelo Palmeiras já começa na escola? Ou é já nesse período que você está trabalhando?

P.A. – Não, pelo futebol, pelo Palmeiras e pelo futebol, foi quando eu fui morar na casa dos meus avós. Aí aflorou. Antes, já existia a influência, porque todo final de semana eu estava na casa dos meus avós, lá no Brás. E a gente morava... Eram três vilas. As três vilas... Sei lá. Deviam ter 60 casas, nas três vilas. Das 60 casas, 30 eram de parente, eram da família nossa. Aquelas famílias de italianos, então, morava todo mundo nas vilas, e a maioria é tudo palmeirense. Então a influência pelo Palmeiras e o gosto pelo futebol já era aflorado. A partir do momento que eu fui morar lá, aí a coisa acabou se tatuando mais.

B.G. – E você jogava bola com o pessoal da vila?

P.A. – Jogava. Jogava lá e jogava no Liceu. Tem o colégio Liceu Siqueira, se eu não me engano, que é um colégio atrás da vila. Então, no final de semana... É um colégio particular, mas, no final de semana, eles liberavam para a molecada do bairro ali jogar bola. Então a gente jogava dia de semana na rua, e de final de semana, a gente jogava dentro do clube. E aí, quando eu passei a morar na Mooca, eu morava em frente ao Distrital da Mooca ali, então, aí a coisa facilitava um pouco, também, para jogar bola.

B.G. – Você jogava em que posição?

P.A. – Ah, com esse tamanho, sempre fui zagueiro, não é? Teve uma época que eu me arrisquei como goleiro, quando eu morava no Centro até, porque aí a gente jogava bola... Tinha uma quadra de futebol de salão do lado da Câmara Municipal. Tem até hoje. Isso aí foi em 1978 e 1979, e era muita gente para jogar, eram vários times. Você tinha... De sábado à tarde lá, tinham 15 times para jogar, e de domingo. Eu era moleque, e era sempre gente mais velha jogando, então, não tinha jeito. Aí acabei indo para o gol. E até, nessa época, eu recebi um convite para

fazer um teste na Portuguesa, jogando no gol. Um cara que estava observando lá... E eu catava bem no gol. Mas não era uma coisa que eu gostava, não. Era mais forçado mesmo, jogar lá. Porque era moleque, então, não tinha jeito, os caras empurravam para jogar no gol. Mas nem fui, também. Nem dei sequência nisso aí.

B.G. – E aí você contou que tinha um tio que jogava no São Paulo.

P.A. – É, meu tio Zeca jogou no São Paulo, nos anos 1960, foi ponta-esquerda, e jogou... acho que um tempo legal, lá no São Paulo. Ele é vivo até hoje. É pai do João Carlos. Ele é o único são-paulino. A família toda é palmeirense, e tudo doente, tudo doente. O João Carlos, também, sempre jogou muita bola, e o filho dele, agora, também está indo por esse caminho aí, está querendo ser profissional.

B.B. – Sua primeira lembrança de ir a um estádio, de ir a uma partida de futebol, de ver um jogo do Palmeiras, você lembra quando foi a primeira vez?

P.A. – Em 1978, na final do Brasileiro: Palmeiras e Guarani. Mas, na verdade, a gente foi antes. Quem me levou, eu e a minha irmã, foi a minha mãe. Minha mãe é que me levou. Palmeiras e Flamengo, foi o primeiro jogo que eu assisti. No Morumbi, Palmeiras e Flamengo, desse mesmo ano, só que antes. Devia ser primeiro turno, ou alguma coisa assim. E aí, depois, assistimos à final, que a gente acabou se dando mal. Mas foi no Morumbi, Palmeiras e Flamengo, e minha mãe que me levou. E na saída foi impressionante, porque era uma avalanche de gente saindo. E, naquela época, o pessoal fazia uns arrastões, roubando, roubando carteira, então a gente ficou... Minha mãe ficou desesperada, colocou eu e minha irmã na frente, na saída, e muita gente assustada. Não tinha nada a ver com briga de torcida; eram ladrões mesmo, batedores de carteiras mesmo. E foi nisso aí. Foi em 1978. De estar no estádio mesmo, foi em 1978.

B.B. – E aí você foi com a sua família.

P.A. – Sim.



B.B. – E como é que você pegou gosto? Como é que isso passou a ser mais frequente?

P.A. – Então. Aí, depois disso, com ela, depois disso aí... Na Bela Vista, tinha uma rapaziada que... se chamava Torcida Alma Verde, e o pessoal se reunia ali para ir para os jogos. Era aonde a gente jogava bola. Eu fui com um amigo – o apelido dele era Zico – num jogo. Foi um clássico, Palmeiras e Santos, se eu não me engano. A gente não era de torcida, na época; a gente foi para ver em que torcida a gente entrava. Então a gente foi para entrar... A tendência era entrar na TUP<sup>1</sup>, na época, porque a TUP era a maior torcida do Palmeiras. Mas aí, chegando lá no Morumbi, a gente ficou olhando, aí eu falei: “Gostei mais dessa aqui”, que era a Inferno Verde, na época, “vamos ficar mais para cá”. E aí acabou que a gente acabou ficando sócio da Inferno. E assim começou minha trajetória em torcida organizada. Era número 311 da Inferno.

B.B. – Você tinha carteirinha, camisa...?

P.A. – Tinha. A gente fez, nós... Mas a minha carteirinha foi feita na Praça da Árvore. A sede da Inferno era... se chamava Roller Flamingo, que era um lance de patinação, era um ringue de patinação. E aí acho que eles, na época, tinham feito um acordo com eles lá e a sede era lá, da Inferno. Eu fiz minha carteirinha lá.

B.B. – Fala-se muito, no período dos anos 1950 aos anos 1970, que havia aqueles torcedores símbolos. O Palmeiras tinha o João Gaveta<sup>2</sup>. Você chegou a conhecê-lo?

P.A. – Conheci, conheci. E o João era impressionante: nos jogos de salão... Porque chegou uma época que ele já estava mais doente e aí ele... Mas, todo jogo de salão, ele estava dentro do ginásio. E ele causava *pra* caramba. Era muito engraçado. Ele causava. Conheci, conheci o João Gaveta.

B.B. – E aí, nesse momento, a Inferno Verde tinha... Você falou que era o sócio número trezentos e...

---

<sup>1</sup> TUP – Torcida Uniformizada do Palmeiras.

<sup>2</sup> Giovanni Capalbo, conhecido como João Gaveta.

P.A. – Trezentos e onze.

B.B. – Uma torcida do Palmeiras do final dos anos 1970 tinha quantos integrantes?

P.A. – Era uma das coisas que eu achava legais, é que eram várias torcidas do Palmeiras, na época. Então, você tinha a TUP, aí você tinha a Grêmio Alviverde, você tinha a Inferno, você tinha a Império, você tinha a Periquitos de Poá, você tinha a Alma Verde. Então você tinha várias torcidas. Então era bem pulverizado. A TUP era a maior. E era grande mesmo. A TUP era grande e muito organizada. E aí você tinha as outras. Acho que... Não sei com quanto que a Inferno terminou depois, mas eram umas 2 mil, eu acho, ou 2 mil e poucas. Não sei. Se eu falar mais, eu posso estar equivocado. Porque, na Inferno, a gente participava, mas era uma coisa muito difícil. Depois perdeu essa parceria com o Roller, e aí, para vender passagem de caravana, ficava sentado lá [rua] Turiassu, do lado de fora do clube, esperando o pessoal vir para comprar passagem. Então era difícil.

B.B. – Além do João Gaveta, que era um torcedor símbolo, das organizadas, da TUP, tinha alguma liderança que era referência para vocês, assim, que vocês respeitavam, que era um cara que todo mundo conhecia?

P.A. – Ah, tinha. Tinha o Barbosa. O Barbosa era um cara inteligente demais, era gente boa; o próprio **Bacich**, porque a gente... Bem mais novo, você vai... O Mateus. Mas, assim, de tentar fazer os esquemas, de cobrar o clube, aí já era mais o Barbosa, o **Bacich**. Então a TUP tinha algumas referências. Tinha a dona Edi, que cuidava da administração da torcida e da sede. Então a dona Edi era respeitada. A dona Edi era linha dura. Então a gente tinha referências.

B.B. – E vocês eram sócios do Palmeiras? Ou não tinha nenhuma relação com o clube?

P.A. – Não. A gente sempre teve um pensamento apolítico, e eu acho que esse foi um erro, porque a gente acabou ficando do lado de fora do clube. E quando você está distante, você acaba não influenciando, porque você grita do lado de fora. Então, o cara tranca o portão, você está gritando do lado de fora, os caras não estão nem ligando. Mas a gente, depois que acabou... da fundação da Mancha, a gente acabou tendo uma influência boa dentro do clube, porque a

nossa sede... Aí a gente conseguiu um avanço de ter uma sede dentro do clube. Então, quer dizer, a nossa permanência no clube era diária. Então, também, na verdade, não precisava ser sócio por isso, porque a gente frequentava até a piscina. A gente tinha alguns privilégios que os associados não tinham: segunda-feira, o clube era fechado, mas a gente jogava bola, [dia] de segunda-feira; o associado podia jogar bola até onze horas da noite, e a gente jogava até duas horas da manhã. Então, ia ser sócio para quê? Então foi passando. Então a gente não se preocupava em mais nada. Na verdade, a gente nem ligava muito; a gente queria era assistir o jogo do Palmeiras, queria torcer. Então, esse negócio de política, a gente não se envolvia.

B.B. – Porque o Palmeiras tinha sido campeão em 1967, então, nesse final dos anos 1970, já tem um acúmulo aí de dez anos – teve quase um campeonato brasileiro, em 1978. Mas essa insatisfação, de alguma maneira, se canalizou... Você falou que não teve um envolvimento político. Ao mesmo tempo, a gente estava num período de reabertura democrática, então existia, também, um certo estímulo para essas organizações e associações. E isso, no seu caso, do grupo da Inferno Verde, desemboca em 1983, com a criação da Mancha.

P.A. – É. Porque ainda você tinha... Existia a insatisfação, porque o Palmeiras foi para a Taça de Prata. Foi feito um enterro simbólico da diretoria pela Inferno, na época. Foi um protesto legal. Você tinha. Mas o clube, em 1978, foi vice Brasileiro; em 1979, com o Telê Santana, tinha um grande time, a gente ganhou do Flamengo de quatro, no Maracanã. Saíram mais de cem ônibus daqui de São Paulo para lá. Uma das caravanas mais marcantes da minha vida foi... Eu, moleque. Então a gente não acreditava. Gente *pra* caramba no Maracanã, ônibus que não acabava nunca mais. Então, você ainda estava próximo de uma conquista meio que recente, mas ainda você brigava, você estava ali. Eu acho que o que começou a incomodar a gente mesmo, com a coisa de fila, começou a ser depois de 1989. Aí a coisa começou... Aquele negócio de ficar contando: um, dois, três, quatro... Começou a esticar um pouco mais. E aí os caras cantavam parabéns no final. Aí começou a incomodar, não é? Porque aí você já... Passou dos dez, doze, começa a incomodar. Então, acho que depois dos...

B.B. – Perdão. Quando você entrou, você ainda tinha a herança da Academia. A Academia era... O Palmeiras era respeitado, por Ademir da Guia, por essas figuras.

P.A. – Sim. E aí você sai de um vice-campeonato Brasileiro de 1998<sup>3</sup> com um grande time. E aí você, na sequência, em 1979, você monta um time que ganha do Flamengo que... Até quem não torcia pelo Flamengo adorava o Flamengo. Porque não tinha... Quem gostava de futebol, não tinha como você não gostar, como você não olhar aquilo e admirar o Flamengo. E aí você vai no Maracanã e ganha de quatro. Então isso ficou repercutindo ainda durante anos: Telê Santana... Aí você vem para, depois, o Campeonato Paulista: eram três turnos, você ganha dois; aí o Vicente Matheus inventa uma greve do Corinthians, que não jogou aqui uma rodada dupla, e aí o campeonato ficou parado um tempão; e o Palmeiras tinha tudo para ser campeão e acabou não ganhando nada depois. Mas você ainda tinha aquela coisa de grande, de Academia, de montar grandes times e de ser o Palmeiras, não é? Depois começou a incomodar um pouco mais – acho que ali do começo dos anos 1980 em diante –, porque aí as administrações começaram a ser horríveis e aí começaram a vir times nojentos.

B.B. – Sua lembrança, Paulo, da primeira caravana, da primeira viagem que você fez... Você contou uma de Marília.

P.A. – Aí já foi depois.

B.B. – Mas sair da cidade de São Paulo e ir para o interior, ou mesmo começar a viajar para outro estado, qual é sua primeira lembrança de caravana?

P.A. – A primeira caravana minha, eu não lembro se foi... Acho que foi no interior, acho que foi contra a Ponte Preta, se eu não me engano. Eu não lembro direito, mas deve ter sido contra a Ponte mesmo, porque sempre era um jogo tenso, lá em Campinas. Lá era triste. Uma vez jogaram até uma caixa de abelha dentro do ônibus. Eu não estava nesse ônibus, mas... A saída do [Estádio] Moisés Lucarelli era triste, porque tem a linha do trem lá atrás, e os caras ficavam jogando pedra lá de cima. E é aquele cascalho, e aquilo machuca. Onde ele bate, ele corta. A gente sempre teve problemas sérios com a torcida da Ponte Preta. Então, se eu não me engano, foi o Palmeiras e Ponte. E aí, depois, esse Palmeiras e Flamengo, que foi marcante: moleque de tudo e no Rio de Janeiro, aí foi demais.

---

<sup>3</sup> Muito provavelmente, querendo se referir ao Campeonato Brasileiro de 1978.

B.B. – E já era a Mancha ou ainda era a Inferno?

P.A. – Era a Inferno, em 1979.

B.B. – E como é que foi o processo de vocês, que resultou na criação da Mancha Verde, da fusão das torcidas? Conta um pouquinho como é que foi gestada essa ideia.

P.A. – O que acontecia é assim: você tinha, aqui no estado de São Paulo, na cidade de São Paulo, você tinha duas torcidas que mandavam – uma mais, e a outra, um pouco menos, mas mandavam –, que era os Gaviões e a Jovem. A gente... Na Inferno, eu tinha algumas referências, porque a gente via um pessoal que enfrentava e tudo mais, que era o Louco, o Tinoco, o Urubu, o Betânia, uma rapaziada mais velha, mas que a gente não fazia linha de frente para os Gaviões e para a Jovem. A gente via... Aqui, a gente acabou perdendo o material, uma vez, para a Jovem do Santos, aqui; os Gaviões vira e mexe afrontavam a torcida do Palmeiras... Uma vez, eles... Não foi jogo do Palmeiras com eles; eles alugaram o Parque Antártica para fazer um jogo lá, e na saída, depois do jogo, invadiram a sede da TUP lá, o quartinho da TUP, e roubaram mais de 80 bandeiras. Essas coisas foram incomodando. E a gente era uma molecada, e a gente achava que tinha que acontecer alguma coisa. Mas você, só com uma torcida, você não conseguiria. A TUP tinha uma outra mentalidade, uma outra ideologia. Até é uma frase que a TUP usava muito, “levamos mais paz aos estádios” e tudo mais. Mas não adiantava você entregar flor e tomar tapa na cara. E era isso que estava acontecendo. E aí, depois de diversas conversas com as lideranças de Inferno e de Império, que eram as duas maiores... As outras, a Alma Verde... eram todas grupos bem menores. Aí se resolveu fazer a fusão e se fundar uma outra torcida. Começaram a surgir alguns nomes, até que surgiu o nome da Mancha. Já havia existido uma Mancha Verde, que não foi registrada, não foi para frente. Era um grupo de amigos, era tipo 20 a 25 caras. E era meio que uma lenda. Era meio que uma coisa assim que... Os caras era tudo bravo. Então ficou... Do jeito que ela apareceu, ela sumiu. Mas a história ficou, aquela coisa de que... “Pô! A Mancha era... Os caras eram bravos, os caras...”. E aí a gente precisava de um nome forte de novo e aí alguém sugeriu, de novo, Mancha Verde. Aí, de pronto, assim, nem tanto, mas todo mundo gostou. Era para ser Força Verde. Tinha uma série de nomes. Mas aí, na hora que surgiu o lance de Mancha, aí a

gente aceitou. E aí essa molecada que se juntou na Inferno, que era eu, o Moacir<sup>4</sup>, o Cléo<sup>5</sup>, essa rapaziada, a gente já começou meio que a criar uma família, a gente já estava bem amigos. Aí já tinha outra rapaziada na TUP, também, que estava surgindo: o Marcelo, o Nivaldo, Beto, Cabeção, uns outros caras que também já eram meio contra essa coisa de ficar só levando amor ao estádio e ficar apanhando. Então a gente já estava meio que todo mundo meio se conhecendo, e aí a coisa foi encorpendo. E foi quando surgiu a Mancha. E a intenção era essa, era fazer as pessoas nos respeitarem.

B.B. – O nome já era associado ao símbolo das histórias em quadrinhos? Tinha essa...

P.A. – Sim.

B.B. – Que era o personagem... Vamos dizer, o vilão.

P.A. – Mas era um vilão que, se vocês lembrarem do Mancha Negra, ele era, mas não era, não é? Não é aquele bandido, bandido. Ele era um larápio, mais ou menos, era um bandidinho, mais... Aprontava as dele, mas não era tão ruim. Então, era o que a gente precisava: alguma coisa que fosse forte e que a gente conseguisse impacto. Então o nome já era positivo, por você já ter tido uma Mancha e ter já uma certa força, o nome, entre a gente mesmo, de acreditar que era um nome legal, porque os caras saíam na mão, os caras brigavam e o caramba. Então, acho que as coisas casaram.

B.B. – Ainda falando de símbolo, o Palmeiras, quando mudou o seu nome de Palestra Itália para Palmeiras, adotou o símbolo do periquito, e acho que é nesse período que também há a mudança do periquito para o porco. Coincide com o surgimento da Mancha? Ou foi um pouco antes ou um pouco depois?

P.A. – Foi depois do surgimento da Mancha.

B.B. – Foi depois do surgimento. Ainda era o periquito.

---

<sup>4</sup> Moacir Bianchi.

<sup>5</sup> Cleofas Sóstenes Dantas da Silva.

P.A. – Foi em 1987, se não me engano. Começou uma campanha... Porque se tinha uma coisa que incomodava a gente era esse negócio de porco. Isso irritava, cara! Palmeiras e Corinthians, os caras não gritavam mais Corinthians, era porco o tempo inteiro, e isso aí entrava e massacrava a gente. E não tinha mais... Chegou um momento que já não tinha mais o que fazer, não é, meu? Era irritante. E você vai fazer o quê? Vai brigar com o mundo inteiro? Não tinha... E aí o Gobbato<sup>6</sup>, que era um conselheiro do clube, iniciou uma ideia. O Cléo abraçou ela... O Cléo era a liderança da Mancha. O Cléo abraçou essa ideia aí e acabou convencendo todo mundo, e a gente resolveu, estrategicamente, adotar o porco. Porque aí... Porque não tinha como você fugir da coisa. É aquele negócio de que o apelido, quando pega, é aquele apelido que você fica com raiva, quando o cara fala, quando chama. Se você não liga, não pega. Então, isso aí tinha pego demais, incomodava muito, e aí a saída foi assimilar e puxar o porco para fazer parte dos símbolos do clube. Isso foi uma coisa que é legal, porque foi de fora para dentro. Porque, dentro do clube, a resistência era muito grande. É até hoje, não é? Eles não gostam muito, não. Mas isso foi do povo; veio de fora para dentro do clube. Isso foi... Eles não tiveram força para segurar isso. Teve até um Palmeiras e São Paulo, no Morumbi, que a gente entrou com um porco dentro de campo. Tem uma foto na [revista] *Placar* que é histórica, que é o Burti<sup>7</sup>, que era presidente da TUP, e o Cléo, presidente da Mancha, os dois levantando o porco dentro do campo, dentro do gramado. Aí, a partir daquele jogo lá, aí acabou. Porque a gente ficava irritado, aí inventou esse negócio de gambá. E aí, um dia, entramos até com um... soltamos um gambá dentro de campo, num Palmeiras e Corinthians. Mas não adianta, não era a mesma coisa, entendeu? Então a gente tinha que sair fora do porco. E aí, acho que incorporar foi a melhor saída.

B.B. – Paulo, a primeira... A liderança que se destacou... O Cléo foi uma das lideranças, mas consta na história da torcida que o primeiro presidente foi o Atibaia<sup>8</sup>.

P.A. – Não. O primeiro presidente foi o Dorival<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> João Roberto Gobbato.

<sup>7</sup> José Carlos Burti.

<sup>8</sup> Nelson Ferraz da Silva Barros, conhecido como Atibaia, presidente da Torcida Mancha Verde em 1985 e 1986.

<sup>9</sup> Dorival Menezes, presidente da Torcida Mancha Verde em 1983 e 1984.

B.B. – Dorival.

P.A. – Dorival. E esse... Se a Mancha existe, ela existe por causa do Dorival. A história do Dorival é uma história bem bacana. Ele era um alcoólatra que tentou... quase morreu, e aí foi se cuidando, foi se policiando, foi melhorando. Um cara muito tranquilo, muito da paz. Ele tinha ganhado na loteria. Não era absurdo, mas... Ele era um cara de muita sorte: ele ganhava no bicho toda hora, ganhava na loteria... E aí ele que... A primeira faixa, ele que bancou; as primeiras bandeiras, ele que fez, também. Era um cara superorganizado. Aí, fazia adesivos. Então, naquela época, a gente chegava num clássico no Morumbi, aí ele distribuía uma cota de adesivos para todo mundo, anotava, e a gente ficava na rampa, ali na subida, depois das catracas, vendendo adesivo da Mancha, para poder arrecadar um dinheiro para poder pagar as faixas, pagar as coisas. Então o Dorival teve uma importância fundamental. Se a Mancha existe, existe por ele. Porque o início realmente foi muito difícil. Ele que conseguiu o quartinho dentro do Palmeiras. Ele era um cara bem tranquilão, bem... Um cara bom de conversar. O Atibaia foi o segundo presidente.

B.B. – Vai vir na sequência.

P.A. – É. O Atibaia foi o segundo presidente, que também...

B.B. – E era uma alternância informal? Ou vocês já tinham algum tipo de formalização, mesmo? De dois em dois anos mudava? Ou isso era defendido...?

P.A. – A Mancha nunca teve isso. Na verdade, o Dorival caiu numa briga que teve, Mancha e Gaviões, no Morumbi. Foi a primeira vez que a gente realmente enfrentou os Gaviões e acabou levando a melhor, dentro do Morumbi. Na saída depois do Morumbi, na [avenida] Giovanni Gronchi, lá em cima, era tudo muito escuro. Porque não tem... Lá é ruim até hoje, aquela subida lá, mas não [tinha] os prédios que tem hoje e tudo mais. E a gente estava indo embora, os ônibus subindo, e eu estava até no último ônibus, e eu vi uma camionete na frente e uns ônibus atrás, apagados. Eu falei: “São os caras”. Aí pulei a catraca, fui para o motorista, falei: “Vai passando os ônibus, para a gente ir avisando”. Aí foi avisando, avisando, avisando; a gente parou os ônibus... Porque estavam todas as torcidas juntas. Parou. E a gente tinha algumas estratégias,



mas que nenhuma deu certo. O Cléo inventava um monte de coisa que... Vira e mexe dava errado. E aí não deu nada certo. Estava uma neblina, tudo escuro. Eu sei que o Cléo tomou uma paulada, caiu no chão logo no começo da briga, e aí a briga acabou. Porque o alvo era o Cléo. Então a gente pegou o Cléo... E aí os ônibus começaram a andar. E a gente correndo, carregando ele. Aí conseguimos jogar ele para dentro do ônibus, mas ficou um monte de gente para trás. Inclusive eu e uma outra rapaziada. E, nessa época, não existia celular, não tinha nada, então, quer dizer, até a gente chegar lá no Palestra, [foi] aquela tensão toda. Aí um monte de gente acabou ficando machucada. Nesse dia, a gente acabou resolvendo que aí o Dorival tinha que sair, pela atitude de ter mandado os ônibus andarem e o caramba, sem saber o que estava acontecendo. Porque o Dorival era um cara de paz; não era um cara mais... E aí a gente... Todos com baixa idade, a gente conversando, aí chamamos o Atibaia para conversar, falamos: “Você vai ser o presidente”. Aí ele falou: “Mas eu não...” Nós falamos: “É você. Não dá para ser ninguém de nós; tem que ser você”. Aí acabou que... A gente ia fazer uma eleição. Ia ser na casa dele. Ele tinha um apartamento na Alameda Santos. O Atibaia sempre foi de família muito boa. A primeira vez que eu vi alguém chamando a empregada de sininho foi no apartamento dele. A gente chegou lá, a mãe dele... *trim*, chamando a empregada. [*riso*] Eu falei: “Ih!” Não via nem televisão direito, não é? E aí a casa dele, coitado... Depois a mãe dele... Era uma santa, aquela mulher lá, porque aquilo virou um pardieiro. Parecia a sede da torcida, lá. Em 1986, a gente levou... O Cléo inventou de levar... queria levar 200 bandeiras. A gente acabou com o prédio dele. No salão de jogos, lá embaixo, nós ficamos 15 dias pintando bandeira lá embaixo. Os caras queriam matar o Atibaia. E aí a primeira eleição ia ser na casa dele, e ele tinha ido para o Rock in Rio, e a gente... E todo mundo... Tinha um monte de gente na casa dele e ele não estava. A gente olhou... Porque era a gente, a molecada, e os caras mais velhos. E aí a gente olhou, aí nós descemos para conversar, e nós falamos: “Cléo, nós vamos perder a eleição, cara! Não pode ter eleição hoje”. Aí foi muito engraçado: nós criamos um tumulto desgraçado para não ter eleição, para ele poder voltar. Aí, quando ele voltou, aí nós fizemos a eleição. Aí o Cléo já tinha chamado gente *pra* caramba, também. E aí a gente acabou ganhando a eleição e o Atibaia ficou como presidente, que foi, também, um cara que ajudou demais. O Atibaia sempre foi muito louco por torcida, então, ele sempre gostou de fazer uns puta bandeirão. Tem uma foto do Rio de Janeiro, desse Palmeiras e... Não o de 1979, de um outro, que a gente foi também bem grande, logo no surgimento da Mancha, em 1983 ou 1984. [Tem] uma foto muito legal, uma bandeira monstruosa, branca, e só tinha o símbolo da Mancha no meio, e nada escrito. Mas

a bandeira era muito grande, uma bandeira de bambu, mesmo. Para achar um bambu para aquela bandeira foi difícil. Então o Atibaia sempre foi um cara que... E também, se a Mancha é o que é, deve muito ao Atibaia. Ele foi imprescindível.

J.F. – Paulo, daquela Mancha original, ninguém entrou nessa...?

P.A. – Não. Na verdade, era meio que lenda. Você não conhecia muito os caras que participaram. Você conheceu um ou outro. Eu, na verdade, conheci dois caras só, que eram daquela Mancha lá.

J.F. – E você chegou a vê-la no estádio?

P.A. – Não, não. Era um grupo de amigos que aí fizeram a Mancha Verde, mas não foi uma coisa que... “Vamos fazer faixa, bandeira...”. Era uma rapaziada que andava junto e dava um trabalho desgraçado, mas era isso, eles fizeram para isso. Depois, acho que cansou...

J.F. – Não abria faixa no estádio?

P.A. – Não, não. Nunca colocaram.

B.B. – E esse grupo original dos anos 1980, vocês... A Mancha tinha alguma predominância em algum bairro, alguma zona, em algum lugar? Ou vinha gente de tudo que é... Estava distribuído?

P.A. – Era distribuído. Não tinha... A gente sempre, também, pregou muito a união e estar todo mundo junto, então a gente meio que evitava essas coisas de bairro. Até o pessoal se reunir, tudo bem, mas tinha que ir para a sede, tinha que estar todo mundo junto. Tinha que participar. As torcidas tinham muito disso antigamente, tinha aquela coisa da... os caras da sede, os caras... Isso eram todas. Então, quando chegavam os caras da sede, eram os caras da sede. Tinha muito disso. Hoje está fragmentado. Hoje são bairros. Existia antes, mas a gente tinha... Aquela liderança do bairro, ela tinha que, obrigatoriamente, estar dentro da sede, tinha que estar junto com a gente ali. Só podia sair uma liderança que fizesse parte da nossa liderança.

B.B. – Dia de jogo, então, as pessoas se encontravam na sede da Mancha e iam...?

P.A. – Sim.

B.B. – Não era direto, não.

P.A. – Não.

B.B. – Quando vocês chegaram, essa... Ao longo dos anos 1980, foi sendo construída **essa rede de rivalidades que juntou** Palmeiras, Vasco, Grêmio, Atlético Mineiro. Quando a Mancha surge, isso já existia? Ou vocês ajudaram a construir essa rede de alianças?

P.A. – Não, não. Não existia. Algumas coisas foram construídas... Tipo assim... O Cléo era um cara que ele tinha muito disso. E a torcida do Vasco, com a Força... A TUP tinha amizade com a TOV<sup>10</sup>, e aí... A TOV era a maior torcida, como a TUP era aqui. Aí, quando surgiu a Força Jovem no Rio, aí o Cléo começou um relacionamento legal com os caras. A Força é a torcida que a gente sempre teve muita amizade. E isso aconteceu, também, muito por causa do Cléo, porque o Cléo era muito insistente, ele gostava disso. A gente era muito rebelde, então a gente não queria amigo nenhum, entendeu? A gente enchia o saco dele. Aí os caras iam na sede, ele queria fazer churrasco e não sei o quê, e a gente... Vira e mexe, a gente ficava provocando, ficava caçando assunto. Até que a gente começou a conhecer uma rapaziada gente boa *pra caramba*: os Irmãos Metralha; o Roberto, da...

B.B. – **Roberto Monteiro.**

P.A. – É. O Roberto é sensacional. Então, aí a coisa foi tomando corpo, foi se fortalecendo. E depois foram feitas outras amizades, tipo a Galoucura. Tem uma rapaziada muito legal lá. Mas a Força transcendeu essa coisa de torcida organizada. O respeito que existe hoje da torcida do Palmeiras com a torcida do Vasco e da torcida do Vasco com a torcida do Palmeiras, você não

---

<sup>10</sup> TOV – Torcida Organizada do Vasco.

encontra em nenhuma outra que se diz aliança aí. Porque às vezes você tem amizade com a torcida, mas o povão em si não... Você passou no meio, os caras querem te matar. E com o Grêmio aconteceu isso, no Sul. E com o Vasco, não. Com o Vasco, sempre foi um relacionamento muito de irmandade mesmo entre as torcidas. Aquela final de 1997 no Maracanã é um negócio impressionante, porque a gente foi com bastante gente, e você saindo no corredor, e as torcidas se encontrando, e você... A torcida do Vasco, quando se misturou com a gente, os caras não comemoravam o título, os caras trocavam ideia, abraçavam. Então é uma coisa que eu particularmente, na minha vivência de futebol, nunca vi, nunca vi, não.

B.B. – Foi então no momento do Cléo que isso foi selado, vamos dizer. Já tinha alguma relação, mas ele ajudou a consolidar.

P.A. – Sim. O Cléo tentava algumas coisas: a torcida do Botafogo... Ele meio que... Sei lá, o Cléo era meio... Aí ele escolhia uns negócios assim e aí queria que desse certo. E aí não dava, não tinha jeito.

B.G. – Como que eram essas abordagens dele? Como que ele chegava nesses caras?

P.A. – Não sei. O Cléo tinha umas táticas que eram... Era impressionante. Ele foi muito amigo do Dentinho<sup>11</sup>, dos Gaviões. Eles conversavam... Não tinha telefone celular, então, eles conversavam ou pelo telefone da sede ou, quando a gente não tinha telefone, tinha um orelhão na porta da sede, e ele ficava uma hora, uma hora e meia conversando com o Dentinho no telefone. A gente não acreditava! A gente falava: “Você é louco, meu!”. Mas o Cléo tinha umas táticas meio loucas. O Cléo foi o melhor, não é?

B.B. – Tem muita polêmica sobre o assassinato dele. O que, do que você conhece...? Tem a ver com o mundo do futebol? Foi algo...?

P.A. – Essas histórias, esse negócio de droga é mentira. O Cléo foi o cara mais radical contra droga, dentro da Mancha, que eu conheci. Ele não aceitava. O Cléo, esse negócio aí... Foi coisa

---

<sup>11</sup> José Cláudio de Almeida Moraes.

de torcida, não é? Mas... A polícia não descobriu, ninguém falou mais nada, então é melhor deixar para lá, não é?

J.F. – Quando que ele se tornou presidente da Mancha, o Cléo? Quando é que ele se firma como liderança?

P.A. – Ele foi [presidente da Mancha] depois do Atibaia. Como liderança, ele sempre foi. A gente montou um time ali, montou um grupo, sempre teve muita amizade, de irmão mesmo. Porque você queria encontrar um, você encontrava todos. Era todo dia da semana. Porque todo mundo saía do seu trabalho e se encontrava lá no Palmeiras para jogar bola. Então, vira e mexe, minha mãe acordava de manhã, tinha 20, 30 caras dormindo na sala. Era mais ou menos assim. Então a liderança dele sempre foi muito forte. Foi depois da saída do Atibaia, que, se eu não me engano, foi em 1987. De cabeça, agora, eu não lembro, mas é isso aí, 1986 ou 1987. Quando o Atibaia saiu, aí o Cléo assumiu.

B.B. – Ele é assassinado em 1988.

P.A. – Em 1988.

B.B. – Um ano depois.

P.A. – Foi em outubro de 1988.

B.B. – E ainda falando desse sistema de alianças e rivalidades, uma semana depois do falecimento, teve um jogo do Palmeiras com o Cruzeiro que teve uma queima de fogos em saudação ao nome dele e acabou tendo uma briga com a torcida do Cruzeiro. Não sei se a rivalidade já existia, mas a partir dali foi...

P.A. – A gente tinha amizade com eles. Na verdade, eles estavam na sede, antes do jogo. Eles estavam lá na nossa sede, antes do jogo. Começou tudo por causa de um cidadão, de uma pessoa, e o cara... Estava todo mundo muito comovido, ainda. Então, a gente entrou em campo para acender umas fumaças e, na descida do campo, o Peruche estava discutindo com um cara

da torcida do Cruzeiro, porque o cara estava dando risada, estava tirando um barato, e aí... Foi aí que tudo começou. Aí discute de lá, discute de cá, aquela coisa... “Não, sai, deixa *pra* lá.” Aí, de repente, aí perdeu o controle e aí aconteceu aquela briga lá. Mas tudo começou por causa de um cara só. Eu lembro até hoje, porque eu e o Marcelo da TUP que subimos para pegar ele, lá no meio da torcida do Cruzeiro, ainda. Aí, quando a gente olhou para trás, eu falei: “Marcelo, só *está* nós”. Aí depois chegou todo mundo, mas a briga foi... Depois a briga acabou sendo mais com a polícia do que com a torcida do Cruzeiro. Mas era um período muito difícil para a gente, porque o Cléo realmente... O Cléo tinha algumas coisas de um cara muito gentil, e ele queria sempre que estivesse todo mundo junto, então a gente... Na época, eu estava trabalhando com shows. Porque depois que eu saí da Pancrom, eu comecei a trabalhar no Fonseca, que é aquela empresa de segurança. Era a FONSECAS’S GANG na época. Era a única empresa de segurança de eventos que existia. Aí eu viajava muito, e eu estava meio que afastado. Na época, eu não lembro se eu estava... Em 1988, eu acho que eu estava trabalhando com o RPM, na época. E aí o Cléo... Um dia, tocou a campainha, eu tinha voltado de viagem, aí abri a porta... Eu estava até arrumando minha casa lá. Porque a gente que fazia isso, também. Eu ajudava minha mãe: lavava a louça... Minha irmã não fazia nada, então, eu tinha que fazer alguma coisa. Estava arrumando a cama lá, aí ele veio, ficamos conversando, ele ajudou a arrumar, a estender a cama da minha mãe, aí ele falou: “Pô, Paulinho, você está sumido”. Eu falei: “Estou trabalhando, não é, Baiano”. A gente chamava ele de Baiano. Aí ele falou: “Vamos lá. Eu comprei uma televisão, comprei um videogame, agora tem geladeira...”. Aqueles Atari, não é? Então ele estava todo feliz com isso aí. Então ele era assim, ele... Se a rapaziada próxima dele se afastava um pouco, aí ele ia buscar, queria saber o que estava acontecendo. Então a morte dele, para a gente, realmente foi complicada demais, foi difícil demais.

B.B. – Em algum momento você pensou em parar? Deu um alerta ali?

P.A. – Não.

B.B. – Você tinha chegado a receber alguma ameaça?

P.A. – Ele estava recebendo. Inclusive, quando a gente estava construindo a sede nova... Porque tinha pego fogo lá no barraco. Nossa sede era de madeira, aí um dia pegou fogo. Porque ele

pôs fogo de madrugada lá. Ele era assim. Então ele foi e pôs fogo, para os outros ficarem com dó e doarem o material para a gente construir a sede. [riso] O Cléo era... Ele era terrível. Aí a gente estava colocando o piso. O Vasco ia jogar em São Paulo e ele ia fazer um churrasco para os caras, chope e o caramba. E aí eram umas duas horas da manhã, eu atendi um telefonema. Aquilo me preocupou. Porque eu fiquei conversando com o cara, e não era voz de moleque, e o cara ficou falando um monte de coisa, que ia matar o Cléo, e que não sei o quê. Aí, quando desligou... O Cléo ia levar um carrinho de entulho lá na praça que tem na esquina, perto da [avenida Francisco] Matarazzo, a gente foi junto. Tinha um monte de moleque, aí a gente foi junto conversando. Aí eu perguntei para ele. Ele falou: “Pô, Paulinho, foi a semana inteira já, que os caras estão ligando para mim”. Aí, na época, eu tinha um revolver lá que eu trabalhava com ele, deixei com ele. E aí todo dia eu levava ele para casa. Nessa época, eu estava trabalhando com um empresário – é de Campinas, o cara –, o Carlos Alberto, e a gente ia fazer uma turnê do Paralamas. No dia que o Cléo morreu, eu tinha ido no... Eu tinha passado na sede, aí ele ia subir numa reunião com um político – era o Jean Teppet –, porque ele tinha arrumado de a gente apoiar e trabalhar na campanha do cara. Aí eu falei: “Tenho que ir lá no Olympia”, porque eu ia buscar o U-matic, aquelas fitonas lá, para fazer comercial. Aí eu falei: “Tenho que ir lá no Olympia para pegar um negócio, Cléo. Então, na volta, eu passo e te pego e a gente vai embora”. Ele falou: “Estão está bom”. Aí eu fui. Demorei um pouco a mais lá, porque a fita não estava, tive que ficar esperando. Quando eu voltei, ele não estava. Aí os caras falaram: “Pô, Paulinho, ele não desceu ainda”. Aí eu subi lá no comitê do político. Quando eu cheguei lá, ele tinha saído já. Aí eu descii e voltei para a sede. E ele tinha parado no Bar do Xará, ali na Turiassu, para comer. Os moleques ficaram jantando e aí ele foi para a sede sozinho. E aí ele fez uma outra coisa que ele não estava acostumado a fazer. Porque ele sempre passava por dentro do clube. Mesmo o clube fechado, ele passava por dentro do clube, saía na Matarazzo e pegava a [rua] Padre Antônio Tomás por trás. Dessa vez ele não passou dentro do clube: ele pegou a Turiassu voltando e pegou a Padre Antônio Tomás, vindo no fluxo ao contrário dos carros. E aí estavam esperando. Foi aí que mataram ele.

B.B. – Vamos fazer um intervalo?

[FINAL DO ARQUIVO I]

B.B. – A gente estava, no último bloco, falando do Cléo, e se você puder contar um pouquinho isso que a gente mencionou em *off*, de onde se situava a Mancha, quais foram as sedes, a primeira...

P.A. – A primeira sede foi na rua Aimberê. Na verdade, era uma sede que era da Império, uma casa, e aí a gente acabou ocupando ela. Não por muito tempo, também, porque não tinha recursos para pagar o aluguel, então, acabou que ficou pouquinho tempo. Mas a primeira foi na rua Aimberê. Aí, depois... Na verdade, a segunda sede nossa foi no quartinho, dentro do Palmeiras, dentro do ginásio, embaixo da arquibancada do ginásio. E era legal lá porque a gente ia para o carnaval e a gente se trancava – o Dorival trancava a gente pelo lado de fora –, porque os seguranças... O clube fechava. O baile ia começar dez horas da noite, então, [quando] eram sete ou oito horas da noite, eles saíam revistando o clube todo, para ver se não tinha ninguém, e a gente se escondia lá dentro, uns 30 a 40 caras, dentro do quartinho. A gente levava bolacha, um monte de coisa para comer e o Dorival trancava a gente pelo lado de fora. Porque aí os caras viam o cadeado do lado de fora, ninguém falava nada. Aí ele chegava para ir para o baile, ele ia lá, soltava a gente e a gente brincava o carnaval. Era uma coisa que... E aí foi... A segunda sede nossa foi dentro do ginásio. Aí tiraram a gente de dentro do ginásio, porque a gente causava muito problema dentro do ginásio. Porque a gente... Aí era impossível. Todo jogo do... Qualquer jogo. Se jogasse peteca, a gente estava lá. E aí tinha problema *pra* caramba. Qualquer coisa, o jogo acabava. Aí tiraram a gente de lá e a gente foi parar num outro quartinho, embaixo da arquibancada, na entrada da Matarazzo. Então, você entrava, a TUP tinha um quarto do lado direito e a gente ficava do lado esquerdo. E aí, depois, também tiraram a gente de lá. Aí já deram um terreninho para a gente na Padre Antônio Tomás que tinha um barraco de madeira, aí a gente foi para lá. Aí ficamos lá até 1994.

B.B. – Você falou deram. Quem deu?

P.A. – O Palmeiras. Deu não, cederam e depois despejaram a gente. Em 1994, eles... veio a reintegração de posse.

B.B. – Nesse momento, no final dos anos 1980 e início de 1990, vocês já tinham superado a TUP, já tinham se tornado a grande referência? Ou foi só...?



P.A. – Foi em 1992. Em 1992 foi a explosão. Eu lembro até o jogo. Foi um jogo Palmeiras e Inter de Limeira, no Parque. Eu nem estava no jogo. Eu já era presidente. Eu nem estava no jogo. Eu tinha ido fazer um trabalho espiritual, e aí, quando eu voltei, eu deixei minha mãe em casa e fui para a sede, depois do jogo. Tinha chovido o dia inteiro. E quando eu cheguei na sede, o menino que trabalhava lá, e que levava as coisas para vender dentro do estádio, também, ele falou: “Pauinho, vendeu todas as camisas”. Desse dia em diante, aí foi um absurdo. Porque a gente tinha, sei lá, 80 ou 90 camisas para vender e vendeu tudo dentro do estádio. E aí, desse dia em diante, a coisa se tornou monstruosa. Reflexo daquela briga com o Nelsinho [Baptista]. Porque a Mancha... Foi mais de um mês, 40 dias, a gente brigando, brigando para derrubar o Nelsinho, porque ele afastou o Evair, afastou o Ivan, o Andrei. E aí a TUP estava favorável ao Nelsinho, então, acho que... O Palmeiras estava lanterna no Campeonato Paulista. Foram uns 40 dias terríveis, para a gente e para o Nelsinho, coitado. Ele sofreu *pra caramba*. Até que um dia não aguentaram mais e... E a imprensa foi dando espaço, porque a torcida do Palmeiras, acho que até aquela vez, nunca tinha sido tão contundente. E a Mancha começou a bater, e bater, e bater, e a imprensa começou a dar espaço. E aí, quando ele caiu e o time se tornou vice-campeão paulista, depois, aí acho que o torcedor olhou e falou: “Ali é o caminho. Ali, acho que... Esses caras me representam”. Aí ficou um absurdo, aí era uma coisa impressionante: aonde você ia, você vendia 100, 200 camisas. Aí a coisa tomou uma proporção muito grande.

B.B. – E, com a saída do Cléo, seu nome acabou sendo um nome consensual, um nome natural, na sequência? Ou foi conflituoso, teve disputa?

P.A. – No primeiro momento, a gente achou que não tinha que ter presidente, com a morte dele. A gente achou que não tinha que ter presidente. A gente falou: “Vamos... A gente mesmo toca”. Tinham as lideranças, então, tinha o Moacir, tinha eu, tinha o Peruche, tinha o Ricardo, tinha o Aquiles... Tinha uma rapaziada, não é? Então... “Vamos tocar a gente.” Mas aí a gente começou a ter problemas. Porque aí um queria fazer uma coisa, outro queria fazer outra, e chegou um momento, no final do Campeonato Brasileiro de 1988, que... “Não, tem que ter um presidente. Vamos fazer a eleição.” Eu falei: “Então vamos.” “Mas tem que ser você e o Moacir, candidatos.” Eu falei: “Não, não quero ser candidato. Eu estou trabalhando. Para mim não dá”. “Não, mas tem que ter, não tem outro e não sei o quê.” Eu falei: “Não vai dar certo”.

O Moacir sempre foi... É meu compadre, batizou meu filho. Eu falei: “Essas coisas não dão certo, cara! Começa a disputa, é fofoca de um lado, é picuinha do outro”. Aí acabou que fizeram a eleição. Ficou um clima ruim, de início. Aí, no outro dia, o Moacir foi atrás de mim, a gente conversou. Ele falou: “Não, meu, era só presidente. Eu quero que você seja meu vice”. Eu falei: “Mas, Moacir, eu estou trabalhando”. Ele falou: “Não, mas tem que ser você”. Aí a gente... Eu falei: “Então, se é para não ter problema, também, então a gente está junto”. E a gente foi tocando. E o Moacir também estava numa ascensão boa na vida dele de negócios, estava ganhando dinheiro, e aí chegou um momento que o Moacir falou: “Não quero mais, mano. Não dá mais para mim. Eu estou junto, mas eu tenho minhas coisas, não dá”. Aí eu falei: “E a gente vai pôr quem?”. Ele falou: “Não, vai você”. Eu falei: “Não. Se não dá para você, não dá para mim, cara!”. E aí eu fui... Eu acho que nessa época eu estava trabalhando com o Guilherme Arantes já, e eu estava em turnê. Quando eu voltei, aí o Ricardo<sup>12</sup> tinha assumido a presidência. O Ricardo é da Mooca e tudo, aí ele tinha assumido. Aí foi caminhando. Mas... É difícil ser presidente da Mancha, cara! Não é uma tarefa fácil. E aí acabou que teve que fazer a troca, e aí, sim, aí o nome de consenso para apaziguar tudo era eu. Aí acabei assumindo e... Aí foi tocando.

B.B. – E foi nesse momento que a torcida deu essa explodida, que não sobrou...?

P.A. – Coincidência ou não, foi sim. Mas foi na minha mão que aí ela... A gente organizou também. Aí eu tinha montado uma confecção – o Ricardo era presidente, ainda –, eu tinha montado uma confecção com um outro menino da Mancha que trabalhava com *silk*, essas coisas. Um dia, eu cheguei de viagem, ele me procurou em casa... Eu morava na [rua] Rego Freitas. Ele me procurou: “Ô, Paulinho, vamos montar...”. O nome dele é Paulo também. Eu falei: “Paulo, para mim... Eu trabalho, cara, não tenho como”. Ele falou: “Não, eu toco”. Eu falei: “Você toca?”. Ele falou: “Eu toco”. Eu falei: “Então está bom. Então eu entro com o dinheiro e aí você entra com o trabalho, e vamos embora”. Porque as pessoas falam muita besteira, então, tipo: que eu vivia da confecção, ou ganho dinheiro... Alguém tinha que fazer as camisas, entendeu? E, na verdade, a Mancha nunca conseguiu ter estoque, então, fazia 50 camisas, vendia 50; aí ia lá e comprava mais 50. Eu facilitei a vida do Ricardo nisso aí, porque

---

<sup>12</sup> Ricardo Raphael Rodrigues, presidente da Torcida Mancha Verde em 1991 e 1992.

aí a gente começou... “Não, faz logo 200 ou 300 camisas e você vai me pagando.” Era difícil de receber, mas a coisa foi andando. Eu não era presidente da Mancha quando... A gente estava com a confecção já. E aí, depois, é lógico, depois... A minha mentalidade sempre foi: quanto melhor, quanto maior, é lógico que eu vou vender mais. Meu maior cliente era a Mancha. Então, se vai vender mais, para mim é melhor, eu não preciso meter a mão no dinheiro da entidade. As coisas se completam. E, de qualquer forma, alguém tem que fazer. Então, melhor que seja alguém nosso. E foi isso, a confecção já existia, antes de eu ser presidente da torcida. E aí foi indo embora.

B.B. – Você comentou essa pressão para a saída do técnico, do treinador, e logo depois o Palmeiras põe fim à fila: é campeão. E, ao mesmo tempo, tem uma experiência nova no Brasil – aí é algo que hoje a gente discute, o clube-empresa, a cogestão –, que é o patrocínio com a Parmalat, que também alavanca a performance do Palmeiras no gramado. Como é esse contexto de **[inaudível]** favorável ao Palmeiras e, também, de crescimento do clube como marca?

P.A. – O início não foi assim. O início foi meio tenso. A gente ficou muito feliz, porque as promessas eram absurdas. Só que não estavam acontecendo. Aquela coisa toda de se montar um grande time e que... A gente estava vendo que a coisa estava amarrada. Aí que a gente começou a pressionar, começamos a pegar no pé, até que fizemos uma reunião com o Brunoro<sup>13</sup>. Nessa reunião com o Brunoro, ele virou para a gente – na Pizzaria Papa Genovese, que era lá na esquina e que hoje não existe mais –, ele virou para a gente e falou: “Mas nosso projeto é de médio a longo prazo”. Aí nós viramos para ele e falamos: “Amigão, então você vai embora. Nós precisamos ser campeão agora. Não tem esse negócio de médio a longo prazo”. “Não, mas não é assim.” A gente falou: “Ah, então...”. E a gente sentiu, na época, que eles sentiram o baque, quando a gente começou com o “Parmalat é ilusão”. Porque eles acharam que iam chegar, iam falar o que falaram, uma repercussão absurda, e... “Ah, vamos devagarzinho”. Acho que eles pensaram: “Vamos tateando, vamos vendo onde dá para fazer”. A gente falou: “Não. O barato é agora, é de imediato”. E aí nós começamos uma campanha ferrenha em cima da Parmalat. E aí eles se mexeram. Aí começaram a dar satisfação. O Maurílio tinha acabado de estourar no Paraná, eles contrataram. O Maurílio chegou na quinta

---

<sup>13</sup> José Carlos Brunoro, diretor da Parmalat na época.

e jogou no domingo contra o São Paulo. O Zinho, trouxeram o Zinho; o Sampaio já estava. Então eles começaram a dar mostras de que queriam realmente fazer alguma coisa. Aí a gente também foi tirando o pé, porque a gente começou a entender também que... Depois daquele pensamento deles de médio e longo prazo, eu acho que alguém chegou e falou assim: “Não, tudo que é para dar certo vai dar errado, se a gente demorar para dar satisfação para eles do que a torcida está... a ansiedade da torcida”. Então, aí a gente acabou virando parceiro. Porque não tinha como. [O ano de] 1993 foi impressionante, porque vem um, vem outro. Na época, eu encontrei... Eu tinha entrado dentro do clube para conversar com alguém, eu não lembro que assunto que era, e eu encontrei o Bagatella<sup>14</sup>, e o Bagatella falou assim para mim... Eles tinham contratado o Edílson, e aí eu fui lá dar os parabéns para ele. Eu falei... Porque o Edílson tinha acabado com o Palmeiras num jogo lá em Campinas, jogou muito. E eu tinha ido dar os parabéns para ele. Aí ele falou assim: “E se a gente trazer o Edmundo também?”. Eu falei: “Ah! Você está de brincadeira”. Aí ele falou: “Então, depois você vê o jornal aí”. Eram umas oito horas da noite. Ele falou: “Depois você vê o jornal”. Aí, depois, já não tinha mais como você estar contra. Mas a gente sempre teve um relacionamento... Nunca a Parmalat foi parceira da torcida. Até, quando o Parma veio jogar aqui, a gente fez uma bandeira em homenagem ao Parma, que era aquela bandeira azul e amarela, que aí alguns falaram que era da Suíça, da Suécia, sei lá... Suécia, não é? Azul e amarelo. E não tinha nada a ver, a gente tinha feito uma bandeira para o jogo Palmeiras e Parma, e a bandeira, quando subiam todas as bandeiras do Palmeiras, ela... Minha mãe até que costurou a bandeira. Aquela bandeira crescia *pra caramba*. Aí nós fizemos mais umas três dela. Nós falamos: “Vamos fazer porque fica legal”. A gente queria agradecer também à Parmalat. Mas a gente sempre teve um relacionamento bem distante, assim: quando tinha que sentar para cobrar, a gente sentava e cobrava, mas nunca deram nada para a gente. Porque as pessoas também imaginavam que dava ônibus, dava... Nunca deram nada para a gente, não. Nunca teve esse tipo de relacionamento.

B.B. – Paulo, eis que chega 1995 – e a gente está aqui no Pacaembu –, teve a famosa batalha. Algumas semanas antes, tinha havido a final do Campeonato Paulista lá em Ribeirão Preto. Talvez, já um prenúncio. E nesse momento você estava aí de frente. Quais são suas lembranças desse período, desses incidentes? Porque até, como você mencionou no início, **há** as rivalidades

---

<sup>14</sup> Marcos Bagatella, diretor da Parmalat na época.

com a Jovem do Santos, com os Gaviões, e agora aparece o São Paulo, com a Independente, já mais... também cresceu forte. Como é que foi esse momento aí **para você?**

P.A. – Apesar de que o ano de 1995, as semifinais e finais do Paulista em Ribeirão Preto, foi um exemplo de civilidade. Aconteceu a briga no último jogo lá, mas por causa de três ou quatro que não tinham nada a ver. Porque acabou o jogo, a gente estava subindo para ir embora, aí teve uns três ou quatro que foram caçar assunto lá do lado da torcida do Corinthians. E acho que jogaram uma bomba... Nem da Mancha os caras eram, porque a Mancha já estava fora do estádio ali. Só tinha o pessoal do Patrimônio, que estava dobrando as bandeiras nossas. Mas acho que foi um mês, entre semifinais e final, em que foram todos os jogos em Ribeirão Preto, e a gente não teve incidente grave nenhum. As torcidas viajando na mesma estrada, com 50 a 60 ônibus cada uma, e a gente não teve um fato que você possa dizer... Com exceção daquele último jogo, que saiu a briga no final lá. Mas nada assim, que teve emboscada na estrada, se encontraram na estrada e morreu alguém. Não teve nada disso. Agora, esse jogo aqui foi um jogo muito esquisito, foi um jogo muito estranho. No meio de semana, acho que o Palmeiras jogou com a Portuguesa. Não sei se era quartas de final, semifinal, oitavas, sei lá o que era. A gente assistiu ao jogo aqui embaixo do placar. O pessoal estava vendo o jogo lá e a gente estava sentado embaixo do placar aqui. Não tinha muita gente, não. E aí a gente estava trocando uma ideia: “Imagina se tiver uma briga aqui. Se tiver uma briga, quem estiver do lado de lá está numa vantagem desgraçada, porque olha o que tem de pau e entulho do lado de lá e o caramba”. Eu acho impressionante isso, porque a gente, em meia hora sentado ali, alguém já virou e viu aquilo. Como que o poder público não enxergou aquilo? Aí marca uma final entre dois grandes clubes às 11 horas da manhã. Naquela época, a gente estava muito acostumado... O 2º de Choque escoltava. Era muita polícia. A Rotam dava um trabalho, eles batiam em todo mundo. Era muito rígido. O traslado nosso, o caminho era... E, naquele jogo, a gente não teve escolta nenhuma. Nós viemos aqui para o Pacaembu sem ninguém. Não tinha polícia, não tinha nada. Aí, na hora que a gente chegou aqui, parou... Eram dois ônibus. [Na hora que a gente chegou aqui] e parou os dois ônibus aí na porta, tinham dois policiais aqui na porta dando geral. A gente falou: “Tem alguma coisa de errado, cara! Não é possível!”. Aí entramos para o jogo. E eu vou ser sincero para vocês, alguma coisa ia acontecer naquele jogo, porque a gente também queria que acontecesse alguma coisa. Não o que aconteceu. Aquilo realmente foi uma fatalidade, foi um incidente. Que ia existir um confronto, ia existir, porque não... O que estava

separando a gente era um portão aqui e um portão do lado de lá. Isso não ia dar certo, porque você não tinha um policial desse lado e não tinha um policial do lado de lá. Inevitavelmente, esses portões iam cair no final do jogo e ia ter uma briga entre as torcidas ali. Não tinha jeito de não ter. Ia acontecer um negócio ali. O que aconteceu dentro de campo, ninguém esperava. Ninguém esperava. Porque acabou o jogo... O Palmeiras nunca... Até agora não ganhou e também acho que não vai ganhar a Taça São Paulo nunca, e aquilo era uma Supercopa, não tinha... Ninguém estava dando muito valor para aquilo lá. Mas era uma final. Então você tinha, é lógico, muito mais são-paulino do que palmeirense, porque a torcida do Palmeiras, eu acho que não acreditava no time, também, e... Sei lá. Mas aí, acabou o jogo, a torcida do Palmeiras invadiu o campo. Quando invadiu o campo, a gente está embaixo e a gente está observando – quando eu digo a gente, sou eu, o Moacir, Nivaldo, a liderança da Mancha –, e a gente está vendo. E aí começa a briga da Independente com o policiamento. Porque a briga começa aqui, do lado deles aqui. Então já começa uma pancadaria com eles lá. E aí eles estouram aquele portão. Quando estoura aquele portão, o pessoal passa e vai para o outro lado, onde estava a Dragões. Porque eles estavam daquele lado lá e desse lado aqui. E aí começam a balançar o alambrado. E a torcida do Palmeiras tinha invadido para comemorar o título. É lógico, e aí invadiu... Mas invadiu molecada. E os moleques invadiram e foram comemorar na frente deles. E aí ficou esse clima. E a gente, do lado de fora olhando. Falamos: “Isso não vai dar certo”. Foi quando eles derrubaram o alambrado e invadiram o campo. Quando eles derrubaram o alambrado e invadiram o campo, a torcida do Palmeiras correu. E era muita gente da torcida do Palmeiras. Não tinha como aquele povo pular para fora. Não tinha. Ia pular um ou outro, mas quem estivesse ali, os caras iam pegar e iam bater *pra* caramba. Foi quando a gente entrou em campo. Se você pegar as imagens, você vai ver que, quando a torcida do São Paulo está chegando no meio do campo, no meio do gramado, é o momento que a gente aparece. Aí aparece eu, o Moacir, o Nivaldo. Foi a hora que a gente conseguiu pular. Porque, também, para pular aqui não era fácil, não. Eu já estava meio que gordinho desse jeito; o Moacir, gordo; o Nivaldo, mais gordo ainda; um tinha que empurrar o outro para dentro de campo. Então, quando a gente invadiu, a gente já invadiu na intenção de proteger essa rapaziada que estava aqui correndo para lá. Não tinha maldade. Tanto é que, quando eles derrubaram o alambrado, correu todo mundo. Correu todo mundo. E aí, quando a gente entrou, foi quando a gente... Começou a briga, a gente começou a segurar a torcida do São Paulo, e aí vieram alguns outros mais que pularam, também, e aí foi aquela pancadaria toda. Mas eu falo para vocês: foi muito estranho.

A polícia não vacilava do jeito que vacilou naquele jogo. Nada me convence que aquilo não tenha sido meio que premeditado: deixa acontecer para a gente ver o que vai dar.

B.B. – Cria um fato, e aí... que teve uma repercussão...

P.A. – O fato: domingo, 11 horas da manhã, todo mundo assistindo televisão... Não sei. Pode até ser que eu esteja enganado, mas aquilo, para mim, foi meio que... “Deixa aí, vamos ver.” Também não imaginavam o que podia acontecer. Mas não tem lógica, não tem, você ainda ter, depois, na sequência, um jogo do Corinthians no Pacaembu. Se você fizer as contas, você vê que o tempo que você teria que... entre a comemoração do título, para qualquer um dos dois, esvaziar o estádio, o pessoal caminhar, chegar na Barra Funda para pegar metrô, para pegar trem e o caramba, é mais ou menos o horário que já ia estar chegando a torcida do Corinthians. Então, alguma coisa ia sair de errado naquele jogo. E a operação da polícia... Não foi feita reunião nenhuma no batalhão. Naquela época, se tivesse jogo de peteca, os caras faziam reunião, conversavam. Não teve nada. E aí, infelizmente, acabou...

B.B. – Você já tinha se envolvido em algum conflito dessa proporção? É claro que sem transmissão ao vivo, mas um confronto nessa escala de...

P.A. – Nesse seminário que eu participei, da AASP<sup>15</sup>... Os anos 1980 eram muito pior. Os anos 1980 e começo dos anos 1990 eram assustadores. Porque você não tinha... Não tinha celular, não tinha foto, não tinha nada. Aquele centro ali, a rua São Bento e [rua] 24 de Maio, você tá maluco! Ali era... O que aconteceu aí era fichinha. Porque, na verdade, se você olhar bem as imagens, tem muita correria, mas não existe um confronto, de realmente ficar se digladiando. Eu saí totalmente estourado, a minha cara, mas era só pedrada, era só pedra. O pessoal jogava muita pedra, muita pedra, muita pedra. Você vê um encontro corporal, mas é uma coisa ou outra. Não foi aquela coisa de encontrar as massas e brigar, mesmo. Eu já vi brigas absurdas aqui. Você parava de brigar quando cansava. Mas a imagem é forte. Alguma coisa tinha que acontecer, não é? Eu não sou contra o que aconteceu naquele primeiro momento, de... “Para! Não entra mais ninguém! Vamos pedir extinção!” No primeiro momento, alguma coisa tinha

---

<sup>15</sup> AASP – Associação dos Advogados de São Paulo.

que ser feita, mesmo. Mas ninguém procurou analisar o porquê do conflito, ou do confronto, como aconteceu, por que aconteceu. Porque a gente veio de uma semifinal e final aonde jogou Palmeiras, Corinthians, São Paulo e Santos. O Santos, eu não lembro, no Paulista, mas eu acho que o Santos estava também, porque eu acho que foi Santos e São Paulo, Palmeiras e Corinthians, em Ribeirão Preto, e você não teve... E tinha tudo para dar errado. Tinha tudo para dar errado, uma semifinal e final onde todo mundo pega uma estrada só. Tinha tudo para dar errado. Então a gente... Sei lá. Acho que exageraram um pouco no pós, ali. Não no momento. No momento, acho que alguma coisa tinha que ser feita, uma satisfação tinha que ser dada, mas depois tinha que ter realmente uma investigação, tinha que saber o que aconteceu. Não adianta... A polícia, o estado tem obrigação de prevenir. Porque eu acho que a palavra mais correta é essa, é a prevenção. Depois que aconteceu, não adianta você chegar com medidas. Já foi, já morreu, já bateu, ninguém prendeu ninguém. E aí? Não adianta. Se você prevenisse, não teria acontecido e a gente não teria um fato que vai ficar registrado... Para o resto da história do futebol, vai ficar registrado 1995.

B.B. – Acabou sendo um marco, um divisor de águas. E é curioso que, nesse mesmo momento, a Gaviões começa a se estruturar como escola de samba, ganha o carnaval, e acabou sendo uma solução, dentro desse período de proibição das torcidas, se tornarem escolas de samba. Foi uma forma de continuar existindo juridicamente, embora com outra nomenclatura. É o momento que há a migração, que vocês passam a investir...

P.A. – É assim: ser uma escola de samba...

B.B. – Foi uma relação de causa e efeito, nesse momento?

P.A. – Não. Porque a gente já ia para o samba já, antes da briga. Ser uma escola de samba sempre foi o sonho do Cléo, mas ele queria que se chamasse Mocidade Alviverde e fosse todo mundo junto. E a gente não concordava. A gente falava: “Mas se tiver que ser alguma coisa do samba, tem que ser a gente. A TUP faz...”. A TUP já era bloco. “Então a TUP faz a dela e a gente cuida do nosso, Cléo.” Até teve uma votação, num Palmeiras e Santos. A gente estava lá no tobogã, na parte de baixo. Eu votei contra ele, nesse dia, aí ele ficou bravo *pra* caramba. Ele acabou perdendo. Mas era o sonho dele, que a gente tivesse uma escola de samba, mesmo que



– depois, **eu tiro essa ideia da cabeça** – fosse a Mancha. E aí acabou acontecendo o que aconteceu. Em 1995, a gente já ia se tornar escola de samba. A gente estava fazendo uma parceria com a Águia de Ouro. Quando aconteceu a briga, aí a coisa ficou muito pesada. Então, em conversa com o Sidnei<sup>16</sup>, o presidente da Águia, a gente resolveu não mais fazer a junção das duas, mas a Mancha virar bloco. Eu falei: “Então, vamos começar como bloco e depois a gente vê o que acontece lá na frente”. Aí a gente conseguiu... Difícil *pra* caramba, mas fizemos estatuto, conseguimos uma vaga para disputar, e aí entra nisso que você falou, aí já... A gente já ia entrar para o carnaval, mas depois já se tornou a salvação da lavoura, já se tornou a coisa que ia sustentar a gente como entidade, para ela sobreviver. E aí, em 1997, na verdade... Porque depois... Quando a gente fundou a Mancha Alviverde, foi no Brasileiro de 1997, porque a gente tinha que ir para o Rio de Janeiro e a gente tinha... A Mancha não tinha sido extinta, ainda. O processo estava sendo julgado. E aí a gente tinha uma multa de cem mil reais diários, se a gente desrespeitasse a liminar. Então, eu pensando, eu falei: “A gente tem que fazer alguma coisa. Porque vamos fazer uma caravana aí com 50 a 60 ônibus, com o Capez<sup>17</sup> fungando no nosso cangote,” eu falei, “esse cara vai inventar”. Como que você faz uma caravana para o Rio de Janeiro? Aí eu pensei, pensei, pensei... E aí, sempre, quando eu vou tomar banho que eu tenho as melhores ideias. E aí eu liguei para o Marcão, que é um dos diretores nossos, um cara extremamente inteligente, e cuidava das documentações nossas, tudo, aí eu falei: “Pô, Marcão, será?”. A gente tinha um amigo num cartório de registro, eu falei: “Será que a gente consegue registrar rápido e a gente fazer o estatuto e colocando o *alvi*, meu?” Eu falei: “É outra entidade, cara. Os caras não vão poder falar nada”. Ele falou assim: “Eu vou ligar para o Toninho e vou perguntar para ele se ele aceita o registro”. Aí ele ligou para o Toninho, aí o Toninho falou: “Primeiro que eu não tenho como proibir vocês de registrarem qualquer... Se vocês chegarem com a documentação em ordem aqui, vocês vão registrar, não tem proibição, e nem foi extinta, ainda, a Mancha Verde”. Aí eu falei: “Então, Marcão, esse é o caminho. Vamos fazer tudo rapidinho”. Aí tem um... Um tempo antes, tinha me procurado um jornalista – acho que era Fábio<sup>18</sup>, o nome dele – da *Folha*, e o Fábio tinha acabado... Ele é de Salvador e ele tinha acabado de vir para cá, estava começando a trabalhar aqui em São Paulo, e ele queria fazer uma matéria comigo e o caramba. E eu falei: “Não estou a fim, cara”. Porque eu dei uma sumida.

---

<sup>16</sup> Sidnei Carriuolo Antônio.

<sup>17</sup> Fernando Capez.

<sup>18</sup> Fábio Victor (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk111215.htm>).

Porque eu era tipo o Pablo Escobar aqui, não é? [risos] Aí eu falei: “Não estou a fim, Fábio”. Mas ele é um cara bacana, a gente trocou uma ideia, ele deixou o telefone... Eu falei: “Deixa aí. Qualquer coisa, depois eu te ligo”. Aí eu liguei para ele, falei: “Fábio, tem um barato assim, assim e assim. Vou dar exclusividade para você. Mas você tem que... O barato tem que sair tipo primeira página, cara, porque isso vai dar um trabalho, uma...”. Aí ele falou: “Vou falar com meu editor”. Eles conversaram, aí ele voltou e falou: “Você vai dar só para a gente?”. Eu falei: “Vou”. Ele falou: “Então, está fechado”. Eu falei: “Então a gente vai registrar”. Eu falei: “Quando estiver registrado...”. Ele falou: “Vamos soltar antes”. Eu falei: “Não. Se sair antes, os caras vão proibir. Deixa registrar primeiro”. Aí registrou. Aí marcamos, fizemos uma puta de uma matéria. Aí foi aquela loucura: os caras ficaram bravos *pra* caramba, “é um desrespeito à Justiça”. Aí o Capez, dando entrevista, “eles estão muito bem orientados juridicamente”. Eu falei: “Eu estudei até a oitava série, mano! O Marcão que é um pouco mais inteligente que eu. Ninguém estudou... É brincadeira, cara!”. Então eles subestimam muito o torcedor, também. Aí foi quando a gente fundou. E a gente fez tudo direitinho: todo mundo que estava nas outras atas da Mancha Verde como diretor e o caramba, ninguém participou. Não tinha o nome de ninguém... Era só nome... Na verdade, o Conselho, 90% era mulher. A gente fez um negócio muito engraçado. E aí ninguém pôde falar nada. E aí já fizemos uma caravana: já em 1997, foram quase 50 ônibus lá para o Maracanã. Aí foi embora. Aí ficou e... Aí já começou a andarem as coisas separadas: começou a andar o carnaval de um lado e a torcida do outro. A torcida voltou a ter vida própria e começou a seguir sua vida, e o carnaval seguindo a vida dele, também, com diretorias distintas. É tudo separado.

J.F. – Paulo, mas esse episódio do Pacaembu, você acredita que ele é o ponto de inflexão no crescimento da torcida? A partir daí há uma queda?

P.A. – Eu acredito que para todas. Como a gente falou em *off* aqui, em 1996, eu falei para o Fernando Capez: “Promotor, vocês estão indo no caminho errado”. Porque a partir do momento que você tira a camisa, você tira a identificação, você tira a liderança, você não sabe o que vem depois, e você vai criar grupos, então você vai.. Foi meio que numa época que estavam começando a surgir aquelas famílias nos bairros, e a molecada se encontrava, fazia uns bonecos, e aí saía para brigar – de um bairro ia brigar com outro. Eu falei: “Vocês estão criando gangues”. Deixar de ir em jogo, ninguém vai. As pessoas se conhecem. Então eles vão se reunir

e vão para o jogo. O cara não está com a camisa da Mancha, mas está com a camisa do Palmeiras, está com a camisa do Corinthians, está com a camisa do São Paulo. Eu falei: “O que vai acontecer é que vocês não vão ter controle mais. O trabalho que era feito com o policiamento, de informar de onde saíam os ônibus para vir para a sede, ou os grupos...”. Isso tudo a gente informava ao 2º Batalhão de Choque. Eu falei: “Esse trabalho que a gente fazia, esse trabalho está perdido, acabou. Então você não vai ter referências. Vai conversar com quem? Quando tem um problema no Pacaembu ou no Morumbi, Palmeiras, São Paulo, Corinthians, você chega... o comandante do jogo chega... ‘Chama o Dentinho lá para mim’, ‘chama o Adamastor lá para mim’, ‘chama o Cosmo para mim’, ‘chama o Paulinho para mim’. E aí, quando você não conhece ninguém, você vai chamar quem? Você não vai chamar ninguém. Então não tem responsabilidade, não tem parceria.” Eu acho que, com essas atitudes, eles conseguiram travar e diminuir o crescimento das organizadas, porque elas estavam numa ascensão absurda. Eles conseguiram travar. Mas, ao mesmo tempo, acabou perdendo o contato, perdendo a referência. E aí eu acho que isso foi mais prejudicial do que acerto. Você travou, de um lado, o crescimento, que eu não sei para quem interessava isso, mas você acabou perdendo com quem conversar, e aí acabou desvirtuando um pouquinho. Mas o trabalho todo, parece que foi meio em conjunto. E a mídia comprou isso, também. E a mídia trabalhou *pra caramba* contra, então, os pais tinham receio. Eu, depois da briga em 1995, um dia eu estava trocando os curativos no Hospital São Camilo, na [avenida] Pompeia, o segurança bateu na porta do consultório da médica... A gente tinha a maior amizade, eu com a médica. Meus filhos nasceram no São Camilo. Aí o segurança falou: “Paulinho, não sai agora”. Os caras fecharam a Pompeia, a avenida, cara. Ele falou: “Tem umas 30 viaturas aí”. Eu falei: “E aí que tem umas 30 viaturas? Não estou procurado, não estou nada”. Aí passou um tempinho, veio o comandante lá, bateu na porta, aí a médica foi lá e abriu, ela era “bocuda”, ela falou: “Pois não”. “A senhora está com o paciente Paulo Rogério?” Ela falou: “Estou”. Ele falou: “A gente queria falar com ele”. Ela falou: “Eu estou tratando meu paciente, o senhor espera aí do lado de fora. Na hora que ele sair, o senhor conversa com ele”. Aí fechou a porta e nós ficamos lá dentro trocando ideia uma meia hora, 40 minutos. Aí eu falei: “Doutora, deixa eu sair, vai. Vamos ver o que eles querem comigo”. Aí saí, aí ele falou: “Não, é que o comandante lá queria conversar com você lá na delegacia, não sei o quê e o caramba, eu queria saber se você podia me acompanhar”. Eu falei: “Mas, para eu te acompanhar, vocês precisam fazer isso tudo, esse estardalhaço todo aí?”. “Não, é, a gente não sabe o que vai encontrar”. Eu falei: “Está bom”. Aí eu fui para a 23.

Quando eu cheguei na 23, eles não me levaram no prédio da delegacia; eles me levaram no batalhão da PM. Aí eu já estranhei, eu falei: “Tem alguma coisa de estranho”. Aí eu liguei para um polícia do DHPP, que eram os caras que estavam trabalhando no caso. Liguei para o escrivão. Aí o cara falou para mim... Eu tinha celular já, na época. Aí o cara falou para mim: “Paulinho, eu vou te ouvir daqui a uns dez dias. Os caras estão armando para você. Sai daí, mano. Os caras estão caçando assunto com você”. Mas eu ia sair como? Já estava ali, não é? Aí começou ele a tomar uma canseira, aí eu chamei o... Era um tenente, eu acho. Aí chamei o tenente, ele falou: “Não, sabe o que é? O coronel...”. Tinha acabado de assumir outro coronel lá no 2º de Choque. “O coronel quer falar com você lá no Choque, queria saber se você podia ir indo para lá”. Aí eu falei: “Então vamos lá, porque aí a gente já resolve isso”. Aí entrei na viatura, estou indo, meu telefone tocou, era um outro investigador. Aí ele falou: “Você está indo para onde?”. Aí eu falei: “Estou indo lá para o Choque”. Aí ele falou: “Cara! Não vai, mano, não vai porque os caras estão... Eles vão te apresentar como troféu”. Eu falei: “Ah, mas eu já estou na viatura. Deixa eu ir embora”. Aí, quando eu cheguei lá no Choque, estava a imprensa toda esperando. Aí os caras tipo... que tinha sido detido ou alguma coisa assim. Aí até dei umas entrevistas lá engraçadas, falei umas besteiras. E sem necessidade. E aí me deixaram no Choque mais umas duas horas, enquanto eles não conseguiram falar com... acho que o secretário de Segurança, sei lá com quem, para me levar lá para o DHPP, para eu fazer sei lá o quê. Aí me levaram para o DHPP. Aí saí do DHPP era quase uma hora da manhã. Saí andando na rua ali, parecia o Lula andando na rua, com a imprensa toda em volta. Sem necessidade. Criaram algumas coisas que... de lance de torcida que não era aquela... Não é essa quadrilha toda que eles dizem. As pessoas não saem de casa para matar os outros. Às vezes, numa briga, um inconsequente, numa covardia, dá uma paulada na cabeça do outro e acaba acontecendo, mas essa nunca foi a ideologia das torcidas. Não é só da Mancha, não. Não era a ideologia das torcidas, isso. A ideologia das torcidas era fazer festa, era cobrar o seu time, era apoiar o time. Sempre, o pensamento inicial de uma torcida organizada é esse; não é o lance da briga, não é a coisa de “vamos se matar”, não é essa a história. Elas acontecem, também, mas não é isso. Não é como na Europa, que eles... A imprensa, de uma forma geral, endeusa demais, fala demais da Europa, e lá é muito pior do que aqui. Porque lá você... A média de idade de torcida organizada, hoje, é baixa demais, deve ser de 17 a 25 anos, a grande massa. Nas torcidas da Inglaterra e da Alemanha, você não tem moleque de 17 ou 18 anos na torcida. Não passa nem perto. Só se for para carregar coisa para os outros. Não passa. E a ideologia lá é outra. Lá,

you have political war, racist war. There, it's not football. There, it involves other situations. So there is no comparison between organized fan groups in Brazil and what happens in the rest of the world. In the rest of the world, there are other things that move them. It's not equal here.

B.B. – In any moment did you have contact with fans from abroad?

P.A. – Sometimes it appeared one or the other. I think that today it is even more than before. Today in day there is more.

B.B. – In your era...

P.A. – It was little. It was one or the other that appeared. Today in day, I think that they have even more contact, there appears more people. But very adventurous.

B.B. – Paulo, in the years 2000, you passed to invest each time more in samba and to distance from the fan group? Or you always kept in parallel? How was your trajectory, from then on...?

P.A. – I kept in parallel until the year of 2005. In 2005, I zeroed with the fan group, I delivered and I said: "For me it doesn't give more". Because I already wasn't going much in the game. I administered everything. The people played everything. But I already wasn't there, I already didn't have the patience to be in the game. Also, you came to the game, the police... Today in day, it's not, because it has changed a lot, but you entered the stadium, the guys were making a fuss, right? The police, they had an era that they persecuted a lot the staff with tattoos, with the little current, when they couldn't enter, still, the things of the fan group from new. It was a repression very harsh. So I already wasn't going much in the game, and the party was in the air of... the rapier more new, of wanting to do. The people, after that passes through a lot of things, you always stay much more pondered. And there, in 2005, I already... One day, I called the staff to talk... "But, Paulinho, it's not this." Because they had made a meeting and they wanted to talk with me. There, before of any talk, I said: "Take, play". "No, but it's not this that the people want; the people only wanted more autonomy to do some businesses like that and the damn." I said: "So, take all the autonomy of the world. You can do everything". And there I stayed only turned to the carnival, even so. Some things, when they ask me...

Se me pedem alguma coisa, eu procuro ajudar; se não me pedem, eu procuro observar de longe. Algumas coisas me incomodam, mas eu também não me manifesto.

B.B. – Vocês têm tipo uma “velha guarda” da torcida, que se reúne, se [inaudível]?

P.A. – Tem. O pessoal... Assim, eu não participo. Eles que vão mais em jogos. Eles vão direto. Eu não... Acho que faz uns dois anos que eu não vou assistir jogo do Palmeiras no estádio. Na televisão, eu vejo direto. Mas no estádio. É muito desmando dentro do clube. Depois que você vive muito as coisas, também, você começa meio que a perder um pouco... Porque você... Tem mais coisa nesse mundo podre do que você pode imaginar, então, algumas coisas te desanimam. Então você procura... E também, ainda estou sendo julgado do problema que eu tive com o treinador lá da categoria de base, então eu procuro ficar meio distante. Porque, para mim, tudo é muito mais difícil. Eu fui condenado a um ano, por exemplo. Aí a gente recorreu, o que é normal. Mas a gente recorreu e os caras triplicaram a minha pena. Isso não acontece com ninguém, é só comigo. Então não vale a pena. Tanto é que na época abriram uma sindicância dentro do clube e eu não fui nem suspenso, não fui nem... Com tudo que eu falei, chegou um momento que os caras pararam de perguntar, também. Eu falei: “Não, vamos a fundo. Vocês não querem saber o que acontece na base do Palmeiras? Eu não agredi o treinador porque ele tirou meu filho do jogo; eu agredi meu treinador por causa disso, disso, disso... Tem uma série de coisas, e que tem esse envolvido, tem aquele envolvido. Esse ganha dinheiro, aquele faz isso. Vocês estão contratando outro treinador, esse nome aqui que vocês acabaram de contratar, o cara é pedófilo, e eu provo para você.” Então as coisas não são bem como parecem, não é? E como às vezes eu... Hoje em dia eu sou mais tranquilão, mas [como] às vezes eu pensava pouco para fazer, aí eu preferi... Prefiro me afastar. É melhor.

B.B. – Agora é o samba.

P.A. – É.

B.B. – Já nos últimos anos... Desde quando, você é o presidente...?

P.A. – Sou presidente da escola... Nos primeiros mandatos, acho que os três primeiros como bloco, eu acho que não era eu, não. Mas eu já devo estar na frente... acho que uns quatro ou cinco mandatos. E hoje eu estou tão democrático, cara, que eu... A gente junta todo mundo e fala, mas ninguém quer pegar. Porque é assim... Sei lá, eu acho que eu encontrei no carnaval uma forma de continuar carregando o nome do Palmeiras, só que de uma forma muito mais suave, muito mais gostosa, aonde você pode agregar a família. Então é uma coisa que eu sempre preguei lá atrás: eu sempre preguei que a família participasse, mesmo na torcida, para que as pessoas trouxessem as suas famílias, para que as famílias conhecessem o que é uma torcida organizada, e não achar que o que está na imprensa é a grande verdade. Não é tudo mentira, mas não é a grande verdade, o que você encontra dentro de uma torcida. Então, no carnaval, a coisa ficou um pouco mais simples de você agregar isso. Acho que ali você... A gente pelo menos, lá, a gente conseguiu... A falta que de repente a torcida pudesse fazer, a gente compensa com o carnaval. Então acaba sendo gostoso demais. É um trabalho legal. Eu acho que a gente consegue elevar o nome do clube ainda, entendeu?

B.B. – Vocês começaram como bloco, se tornaram escola de samba, e quando vocês chegaram ao primeiro grupo?

P.A. – Em 1996, foi o primeiro desfile da gente como bloco. Então, uma trajetória bem rápida: em 1996, a gente foi vice-campeão do Grupo de Acesso de Bloco; em 1997, a gente foi campeão do Grupo 1 de Blocos; em 1998, já no Grupo Especial, a gente foi campeão; em 1999, a gente estava construindo a nossa primeira quadra, e sem recurso, estava gastando todo o dinheiro, mas a gente fez um grande carnaval e foi vice-campeão... E mesmo assim, esse vice-campeonato, a gente se sentiu roubado, porque foi letra de samba, correção de erro de português. Isso não existe. No carnaval não existe, você corrigir letra de samba, erro de português que nem existia. O cara falou que tinha um erro de concordância que só ele encontrou aquilo. E aí a gente aproveitou esse lance para se tornar escola de samba. Aproveitei isso para fazer uma política para poder pular como escola de samba. Porque eles estavam meio que fechados, não queriam que tivesse mais escola, e a gente conseguiu usar isso aí para... Porque todo mundo viu que foi má intenção mesmo do jurado. A gente conseguiu se tornar escola de samba em 2000. Foi o primeiro carnaval nosso. Então, em 2000, a gente foi vice-campeão do Grupo 3; em 2001, a gente foi campeão do Grupo 2; em 2002, a gente foi campeão do Grupo

1 e aí fomos para a Liga, no Grupo de Acesso. Aí, em 2003, a gente foi terceiro lugar, que também a gente contesta demais, também corrigiram um erro de português nosso, também, ainda na Liga. E aí, em 2004, a gente já subiu para o Grupo Especial. Então a gente ficou um ano só no Grupo de Acesso e aí foi para o Especial.

B.B. – E aí quem participava da escola tinha a ver com torcida? Ou eram pessoas...?

P.A. – Tinham. Têm.

B.B. – O pessoal participa?

P.A. – Isso. Aconteceu um lance... Em 1996, aquele time do Palmeiras absurdo... E a gente estava proibido de entrar no estádio, e a repressão da polícia era forte. Tinha jogo que a gente ficava jogando bola no Águia de Ouro. O Palmeiras jogando no Parque, a gente não ia, ficava reunido lá jogando bola e o caramba, porque não tinha condição de ir. A gente ia para jogo fora. Mas aí começou a se viver muito o carnaval. E o carnaval, realmente, foi o que deu sustentação para que a torcida sobrevivesse e vingasse. E aí a gente... Mas era o pessoal da torcida, já existindo uma renovação. Porque a gente perdeu muito quando fechou, em 1995. Muita gente, mas muita gente se afastou, mesmo. E aí só ficou mesmo quem queria mesmo. E aí foi indo.

B.B. – O Jânio<sup>19</sup> foi presidente nos anos 2000, aí veio...

P.A. – O Jânio entrou... Eu não lembro em que ano ele assumiu a presidência. Na verdade, acho que ele assumiu em 2003, eu acho, um negócio assim. Eu não lembro. Mas foi nos anos 2000.

B.B. – Aí conta um pouco essa... Isso também a gente estava conversando em *off*, dos temas, samba-enredo, como têm sido – agora, já no Grupo Especial – os desfiles, quer dizer, até que ponto ela tem... Quer fazer então uma pausa? A gente faz a pausa e aí vem para o fecho, para encerrar.

---

<sup>19</sup> Jânio Carvalho Santos, presidente da Torcida Mancha Verde de 2006 a 2008.



[FINAL DO ARQUIVO II]

B.G. – Paulinho, você podia contar para a gente, quando você era presidente, que tipo de relação que você tinha com a diretoria e com a torcida? Como que era? Você chamava para reunião? Você era ativo? Como que funcionava isso?

P.A. – Com o clube ou...?

B.G. – Com o clube.

P.A. – Com o clube? A gente... Eu peguei... acho que o finalzinho da gestão do Facchina<sup>20</sup>, e aí, depois, já o Mustafá<sup>21</sup>. Aí sempre foi tensa. Sempre foi tensa. Mas, assim: eu tenho amizade com o Mustafá, respeito o Mustafá... Respeito como homem. Como presidente, eu sempre falei para ele que futebol, ele foi fraco. Para o social do clube, que não é o que me interessa e que interessa para a maioria dos torcedores, 97% dos torcedores não querem saber do social do clube, mas, para o social do clube, o Mustafá é aquele tipo de zelador que ele sabe... Se queimar uma lâmpada no 38º andar, ele sabe que queimou. Ele não precisa nem subir lá, mas ele sente aquilo, sabe? [risos] Então, se tinha uma torneira pingando lá na sauna, o Mustafá... Acho que acendia uma luz na sala dele, ele ia lá olhar, entendeu? Ele é impressionante. Se ele tivesse toda essa dinâmica no futebol, o Palmeiras era imbatível. Porque ele não dava muito espaço para as coisas que acontecem no clube hoje, também. Então eu até respeito ele muito como homem, porque ele nunca foi covarde. Então, todas as vezes que foi solicitado de conversar com ele, ele sentou e conversou. E explicava tudo. Qualquer dúvida que você tivesse, qualquer coisa que você quisesse saber, ele falava com a gente. Foi o presidente que a gente... que eu particularmente mais cobrei. A gente enterrou ele; malhamos ele que nem Judas; malhamos ele... Uma vez, a gente saiu num carro alegórico que tinha umas esculturas de rato e sapo e não sei o quê, e aí, no dia de malhar Judas, nós levamos lá na frente do CT e malhamos o sapo. Aí o apelido de Sapo-boi ficou por causa disso aí. Aí os ratos eram o Conselho e o Mustafá era o sapo. Esse enterro que a gente fez, esse foi um protesto muito bacana. A gente, depois de um tempo, a gente começou a usar bem a inteligência para fazer as coisas, e esse protesto que a

---

<sup>20</sup> Carlos Bernardo Facchina Nunes, presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras de 1989 a 1992.

<sup>21</sup> Mustafá Contursi Goffâr Majzoub, presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras de 1993 a 2004.

gente fez, a gente enterrou... Eram... acho que 15 ou 16 caixões: a gente enterrou o time inteiro, e aí tinha um caixão para o Mustafá, um para o vice, um para o Conselho, e aí adesivamos... Tinha uma van lá na Mancha, adesivamos ela, “Funerária Palmeiras”, e aí saímos da sede com destino à Turiassu. Eu tinha feito uma reunião com o comandante do policiamento da área, o coronel, e ele falou: “Ninguém quer deixar fechar a Turiassu”. Eu falei: “Pô, coronel, mas a gente tem que fazer alguma coisa lá”. Aí ele falou assim: “Mas eu sou palmeirense”. Ele falou: “Mas você tem que me garantir que vocês não...”. Ele falou assim: “Eu vou te dar duas horas. Em duas horas você consegue fazer o que você quer?”. Eu falei: “Em duas horas eu faço”. Ele falou: “Mas depois vocês... De boa, sem acontecer nada”. Eu falei: “Pode confiar em mim”. A gente reuniu... acho que umas 6 mil ou 7 mil pessoas lá na Turiassu. Aí tinha as mulheres chorando, tudo de preto; aí acendemos vela; aí velou lá na quadra; a imprensa... Saiu até na CNN. A gente também fez um jogo de futebol na [rua] Caraíbas ali, com aquele time que foi rebaixado. Então, cada jogador tinha uma representação: o Dodô era aquele cocô que vende... que é...

B.B. – De plástico.

P.A. – De plástico. Era ele. O Lopes... Tinha um moleque que parecia com o Lopes, aí o Lopes sentado no banco com o prato cheio de cocaína, assim, com bicarbonato. Então, cada jogador tinha a sua faceta ali. Então, aos poucos, a gente foi fazendo um outro tipo de cobrança e, também, sendo muito ativo. Com os jogadores, a gente sempre teve um relacionamento muito bom. Na minha época, a gente tinha um acesso muito grande com os jogadores, muito grande, então, a gente cobrava, conversava, apoiava. A gente vira e mexe fazia um churrasco em casa lá, na Cachoeirinha, a rapaziada ia. Quando o Palmeiras contratou o Müller... E a torcida do Palmeiras sempre teve um bode do Müller. Porque Palmeiras e São Paulo, todo jogo ele fazia gol, e ele fazia gol e tirava um barato em cima do Palmeiras, e o Palmeiras foi contratar ele. O Antônio Carlos me ligou e a gente foi almoçar, ele me chamou para almoçar, e aí a gente conversando, ele falou: “Pô, Paulinho, a gente está querendo contratar o Müller, mas a gente sabe que vocês têm um problema com ele e o caramba, então eu queria ver com você o que dava para a gente fazer”. Eu falei: “Olha, Antônio, eu vou falar um negócio para você, ninguém gosta muito dele, não. Mas vamos fazer o seguinte”, eu falei, “eu vou fazer um churrasco lá em casa, tem uma mangueira lá no quintal, vou chamar os mais chatos da Mancha, mano, a

molecada mais chata, ele encosta na mangueira lá e desenrola com os caras. Se der tudo certo, passou”. Pô, cara, dá até dó do Müller, porque ele ficou umas três horas e meia em pé, embaixo da mangueira, e os caras na orelha dele. Esse dia lá em casa, estava o Antônio Carlos, estava o Cléber, estava o Mancuso, estava o Müller, tinha mais uns três jogadores que eu não me lembro agora de cabeça quem era. Tanto é que a primeira temporada do Müller no Palmeiras foi devagar e ninguém cobrou ao Müller. Passou batido. Depois ele estourou e jogou bola *pra caramba*. Então a gente tinha... Eles tinham um respeito muito grande pela Mancha, por mim. Eu tenho amizade com a maioria desses caras até hoje, e amizade com caras... O Edmundo é assim. O Edmundo é um irmão meu. Mas foi cobrado também. Foi cobrado. Naquele jogo Palmeiras e São Paulo que ele colocou a mão na cintura, eu falei: “Ah! Não pode, não é?”. Então a gente fez um relacionamento, que eu acho que hoje falta, também. Porque o jogador, hoje, ele é muito distante da torcida, ele não consegue entender o sentimento do torcedor, o que uma vitória num clássico pode fazer na vida de uma pessoa, o que a derrota num clássico pode influenciar a semana inteira, na cabeça do cara que adora o futebol. Então, eu acho que o distanciamento que tem hoje é muito ruim, ele não agrega, ele só atrapalha. É que os clubes inventaram essas coisas, hoje, que a torcida não pode conversar, que não sei o quê. O Felipão, que é o treinador que todo mundo fala, na chegada dele no Palmeiras, a gente trabalhou em conjunto até ele ir embora. Aí, quando ele deu mancada com a gente, aí a gente pegou no pé dele. Mas, até então, ele ligava para mim e falava: “Paulinho, me ajuda, estou precisando de uma força”. “O que foi?” “Fulano de tal está arrastando os moleques para a noite. Desse jeito, nós não vamos chegar a lugar nenhum.” Eu falei: “Ah, é? Quem é?”. “Fulano, beltrano e sicrano.” Então a gente saía na noite atrás dos caras. Teve uma vez que nós saímos uns 35 carros. Aí tinha aquela casa do Netinho ali na [avenida Luís] Dumont Villares; tinha aquele lá atrás da Cantareira, o Polo North; e aí parava os carros e, quando começava a descer, o segurança já vinha. Aí os caras já conheciam essa cara feia, os caras vinham, falavam: “Pô, Serdan!” Eu falei: “Quem está aí?” Aí o cara falou: “Não, hoje não tem ninguém”. Eu falei: “Então você fala para os caras que nós vamos voltar. Se a gente pegar...”. Aí nós saímos nesse dia. No dia seguinte, a gente foi no CT para cobrar o Viola. Porque o Viola que era o mentor do negócio. Aí estava saindo o Kleber e o Zinho, numa Lumina do Kleber, aí o Kleber buzinou, aí me chamou, aí fui lá conversar com eles, aí o Zinho falou para mim assim: “Pô, Paulinho, a gente está chateado”. Eu falei: “Mas o que foi, Zinho?”. Ele falou: “A gente ficou sabendo que vocês saíram na noite aí atrás dos moleques. Pô, meu, a gente ficou chateado”. Eu falei: “Vocês

estão chateados?” Ele falou: “É, meu, a gente está chateado”. Eu falei: “Então não resolve. Porque chateado não resolve. Vocês têm que estar apavorados. Porque se nós pegarmos, Zinho, nós vamos zoar os caras, mano!” “Pô, Paulinho, não faz isso, calma, não sei o quê.” Então o Felipão, hoje eu vejo... A gente tinha uma puta amizade: ele comia churrasco em casa, comia pão com vinagrete, tomava caipirinha. E aí, quando o Palmeiras perdeu para o Fluminense de seis e a molecada cobrou, foi lá xingar, ele deu uma entrevista chamando de meia dúzia, “essa meia dúzia que não tem o que fazer”. Aí acabou a amizade. Eu falei: “Quer dizer então que essa meia dúzia, quando é útil, ela serve, não é?”. Porque aqueles protestos que a gente fez no CT... Você não podia entrar no CT. O CT não era liberado para treino. Então, como que a gente entrava lá? Alguém tinha que abrir a porta para a gente entrar, quando a gente quebrou os quadros, que a gente foi cobrar a imprensa, aquela vez que a imprensa estava enchendo o saco deles lá. Então, nada é por acaso, e às vezes o resultado acaba aparecendo. Porque não é você mandar no time. Nunca ninguém... Eu nunca tive a pretensão... a Mancha nunca teve a pretensão de mandar no time, mas na hora que eles tinham que ouvir alguma coisa, eles tinham que ouvir. Às vezes, uma palavra de fora, que é o que não está acontecendo agora... Eu acho que o Paulo Nobre está numa inércia absurda, e não acontece nada, ninguém fala com ninguém, ninguém cobra ninguém e fica nessa... Jogador de futebol, hoje, é muito cheio de coisinha, é muito protegido. A gente entrava dentro de vestiário, os caras de toalha, e mulher junto, também, e os caras meio acanhados. Aí era a Venê, que está com a gente há **13 anos**, a Venê falou: “Não quero ver isso aí, não, filho! Eu quero que vocês ganhem o jogo, meu!”, naquela final da Mercosul, contra o Cruzeiro. Então eu perdi a conta de quantas vezes a gente cobrou, fez reunião com os jogadores. Hoje em dia, os caras têm... não me toque, não converse, não sei o quê. E não adianta, o cara não sente. Aí pega o time, leva o time não sei para onde.

B.B. – Tudo blindado.

P.A. – Os caras levavam lá para o Bourbon. Uma vez a gente foi lá no Bourbon. Subimos, aí o Toninho<sup>22</sup> veio... “Pô, não dá”. Eu falei: “Dá sim, amigão. Ou então vocês vão pagar a hospedagem para nós aqui. Nós vamos ficar sentados aqui e eu vou dormir num quarto aí, mano”. “Não, mas eu preciso falar com fulano.” “Fala com quem você quiser, Toninho, mas

---

<sup>22</sup> Provavelmente, refere-se a Antônio José Cecílio Sobrinho (Toninho Cecílio), gerente de futebol do Palmeiras de março de 2007 a fevereiro de 2010.

sem conversar com os caras, a gente não vai embora daqui, não, cara.” Então eu acho que é isso: o distanciamento que se criou é prejudicial. É lógico que tem limite. Tem que saber quem conversa, quem fala, o que fala, do jeito que fala. Não é chegar... A gente chegava, dependendo o tipo de reunião, em dez, vinte, como chegamos em duzentos, também, para conversar, mas falavam dois ou três. Todo mundo já sabia, “vai falar esse, esse e esse, o resto vai ouvir”. O futebol, hoje, não tem mais tanta graça.

B.B. – É curioso que você mencionou o presidente atual do Palmeiras, que vem da arquibancada, vem de torcida...

P.A. – Meu amigo.

B.B. – Tem uma trajetória...

P.A. – Decepcionante. Pelo amor de Deus, cara! Esse... Eu tive duas apostas no Palmeiras que, se eu tivesse apostado dinheiro, eu estava morto: foi o Belluzzo<sup>23</sup> e o Paulo Nobre. O Paulinho... esse, *tá* louco, cara! Ele tinha tudo para marcar, ele tinha tudo para fazer história no clube e ele está conseguindo fazer tudo errado. Outro dia eu falei para um amigo meu, falei: “Não precisa fazer campanha contra o Paulo Nobre; ele mesmo trabalha contra ele, cara. Ele não precisa ninguém jogando mentira, fazendo... É simples, deixa ele que ele se mata, cara”. É triste demais, cara. O Paulo, uma decepção: não ouve; sem atitude; sem... Dinheiro às vezes não é tudo. Mas eu procuro entender também, porque acho que ele nunca trabalhou na vida dele, e pega um “trampo” desses aí, um negócio desses... Porque não é fácil. Futebol é complicado. Futebol não é para qualquer um, não. Os caras acham que é fácil, mas não é fácil de tocar, não. É difícil.

B.G. – Em algum momento, na época... antes, nos anos 1980, a diretoria ajudava a torcida? Além de ceder o espaço lá dentro do Palmeiras, tinha algum... para a ajuda de ingresso, de ônibus, tinha?

---

<sup>23</sup> Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras de 2009 a 2010.

P.A. – O Palmeiras sempre foi um clube difícil de... Na gestão do Cléo, eu não sei quais as pessoas... Algumas [pessoas] ajudavam, mas não sei se, oficialmente, o clube. Na minha gestão, eu vou falar uma coisa para você, Palmeiras e Vitória, na Bahia, que a Parmalat deu três ônibus para a gente. Nós fomos em cinco ônibus só. E o convencional, ainda. Você sair daqui e ir para Salvador em ônibus convencional em 1993, amigão... Pelo amor de Deus! Isso não é uma aventura; isso é... Foi a única vez. É difícil. O Palmeiras... O Mustafá foi um cara que... Em conversa comigo, ele sempre falou: “Eu não vou financiar a guerrilha”. Eu falei: “Mas não tem guerrilha, presidente”. Ele falou: “Não vou financiar torcida para vocês ficarem se matando. Mas vocês têm o projeto social lá na escola, não têm? Então, o que vocês precisarem para o projeto social...” Eu falei: “Então está bom. Então nós estamos precisando comprar o placar eletrônico, para colocar a molecada para jogar na...”. A gente tinha uma escolinha de futebol com mais de 300 crianças e a gente quis disputar a Série Prata da Federação Paulista. E aí... Ele ajudava nessas coisas. Contribuiu para o carnaval, sim. Contribuiu. Não do jeito que a gente gostaria, mas também procurou fazer a parte dele. Foi o único, também. Os outros que vieram depois... O Della Monica<sup>24</sup> uma vez prometeu dinheiro, quando pegou fogo lá nos carros alegóricos, em 2006, mas não deu nada. Eu também nem procuro mais, nem falo mais.

J.F. – Paulo, a imprensa noticiou muito, na eleição do Belluzzo, um conflito, na rua Turiassu, da Mancha com a TUP. Qual que foi o motivo da...?

P.A. – Então. O que aconteceu? Na Mancha tinha um pessoal do ABC que era rebelde demais, e a gente acabou meio que afastando uma grande... não todos, mas uma grande parte deles, a parte... eu acho que mais problemática. E aí, com o passar do tempo, esses caras acabaram... Eles fundaram uma torcida, que se chamava Tradição, e aí começaram a incomodar, a bater nos moleques no metrô. Foi naquela final da Mercosul, também. Aí acabou tendo um conflito lá na Turiassu, também, com eles, aí acabou a torcida. Aí, depois, ressurgiram na TUP. O Marcelo, acho que no desespero de agregar e o caramba, abriu as portas para os caras. E o Marcelo se arrepende demais disso aí. E aí começaram as provocações. Até que num jogo à noite, acho que foi Palmeiras e XV, numa quarta-feira à noite, eles estavam com um monte de Carecas do ABC, na frente da... do jogo, aí pegaram, na época, o Luizinho<sup>25</sup>, o presidente, e o

---

<sup>24</sup> Affonso Della Monica Netto, presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras de 2005 a 2008.

<sup>25</sup> Luizinho, presidente da Torcida Mancha Verde em 2005.

Lagartixa<sup>26</sup>, e foram para cima dos moleques, e foram para cima... bateram em uns caras e o caramba. Isso no meio de semana. Aí chegou no domingo, tinha que acontecer alguma coisa, não é? Não tinha jeito, tinha que acontecer alguma coisa, senão a coisa ia perder o rumo, ia perder o controle. E aí já estava envolvendo esses caras aí que... Não tem porque esses caras andarem em torcida organizada. Até porque a miscigenação é muito grande, então, se você começar a abrir espaço para neonazista, que o cara não gosta de preto, não gosta de nortista, não gosta de... vai sobrar o que na torcida? A torcida do Palmeiras, hoje, não é torcida de colônia mais, então... Aí alguma coisa tinha que acontecer. E o motivo foi esse.

J.F. – Ah! Não foi a divergência em torno da eleição, em torno do Belluzzo?

P.A. – Não, não. Até porque o Belluzzo... Eu particularmente apoiei o Belluzzo. O Belluzzo, a gente almoçava... Pelo menos uma vez a cada 15 dias, a gente almoçava no Ráscal, ali na Alameda Santos, e a gente trocava uma ideia, cara. Ele nem imaginava ser presidente do Palmeiras. E as ideias sempre convergiam demais. Depois que ele assumiu, aí as coisas mudaram um pouco o prumo. Tanto é que, quando ele foi contratar o Felipão, o Kleber e o Valdivia, ele me chamou para jantar. A gente foi jantar na Alameda Santos, mas a gente foi no Galeto's ali, e aí a gente tomou uns vinhos – estava eu e ele só –, e a gente conversou bastante. E no final ele veio... “O que você acha?” Aí eu falei: “Eu acho uma grande cagada”. Aí ele ficou olhando para mim, ele falou: “Mas como?!”. Eu falei: “Não vai dar certo. Primeiro que, financeiramente, para mim, eu acho isso uma atrocidade. Você vai gastar uma fortuna. Você vai trazer dois caras que vocês mandaram embora. Vocês venderam por um valor e estão trazendo por mais caro. Que lógica é essa?”. É a mesma coisa que você vender um carro com 5 mil quilômetros para um cara por um preço, e aí, depois, você compra ele mais caro e ele com 15 mil quilômetros. Eu falei: “Os caras jogavam há três anos. Agora você está trazendo os caras três anos mais velhos. E outra coisa, pelo que eu conheço do Felipe, Felipão, Kleber e Valdivia, não anda, não vai dar certo nunca”. Tanto é que não deu. Financeiramente, foi péssimo para o clube, porque o Valdivia... De comissão para o Valdivia foram mais de 6 milhões de reais. Não para o Valdivia; para todo mundo que envolveu ali. Então você tem: o pai do Valdivia recebeu quase 2 milhões de reais; mais três empresas no meio... O Palmeiras

---

<sup>26</sup> Neilo Ferreira e Silva.

deve uma fortuna, hoje, deve mais de 20 milhões, ainda, do Valdivia. Então o que agregou para o Palmeiras? É um jogador que você tem o resquício de um craque de 2008. É o que sobrou do Valdivia. Você não tem mais do que isso. Ele faz a diferença, quando ele quer jogar? Realmente, ele faz diferença. O Palmeiras melhorou com a volta do Prass e do Valdivia, senão a gente já tinha caído já há um monte de jogo atrás. Mas o custo-benefício de um jogador desses... Então não dá. Um cara que é economista, um cara que se diz... Não dá para gastar dinheiro desse jeito. Eu não... Eu acho que você tem que... Você tem que fazer loucuras. Você, quando está na frente de uma entidade como o Palmeiras, e na proporção nossa lá, bem pequenininha, assim, tem hora que você... Você tem que dar orgulho para quem te rodeia, para quem te cerca. Você tem que fazer algumas coisas. Mas aquilo tem que ser feito também com o pé no chão. Você faz uma loucura, às vezes, até contando com o ovo lá na galinha, mas sabendo que a coisa pode acontecer. Agora, se você não tem nem a galinha, meu, como que você vai saber que vai sair um ovo de lá, também? Então, às vezes os caras... E eles abusaram, não é?

B.B. – A arena, você considera que é uma boa loucura, uma má loucura...?

P.A. – Então. Essa foi uma das minhas discussões com o Belluzzo, também. Porque eles vendiam um peixe de que a coisa ia dar um lucro absurdo. E a gente sabe que não é isso. A gente sabe que agora, nesse início... Você está tendo dois shows agora; você vai ter, acho que depois, Chitãozinho e Xororó; vai ter o Roberto Carlos... Ali é o melhor espaço de São Paulo para fazer eventos. Sempre foi. O Palmeiras... É uma área abençoada para isso. Mas o Brasil não é um roteiro tão absurdo de shows internacionais, que todo mês você tem três ou quatro, que você pode falar que você vai estar alugando o estádio... Então, a WTorre, eles têm que criar uma série de situações, para poder fazer aquilo lá dar lucro. O que eu só não entendia na época é venderem uma facilidade absurda. Porque aí começa a vender, aí o pessoal começa a fazer conta, fala: “Então, por que deu 30 anos para os caras? Os caras vão recuperar em muito menos que isso”. E não é assim. Eu acho que tinha que ser feita uma estátua para o Walter Torre lá e para o Paulo Remy, porque o que eles fizeram, o Palmeiras não ia fazer nunca, como ninguém conseguiu fazer. Porque a única arena – arena, não estádio de futebol, mas arena – é a do Palmeiras. De todas que foram construídas no Brasil para a Copa do Mundo, não tem nenhuma arena. São estádios de futebol. Arena, preparada para eventos... Eu andei naquela obra lá umas



trezentas vezes. Aquilo é absurdo. Para shows, é... É uma casa de espetáculos mesmo. Os caras não economizaram. Então, eu acho que algumas coisas foram feitas na calada da noite, e não há necessidade, como a mudança do contrato que foi feito, das cadeiras. Porque existia a cláusula de 10 mil cadeiras, e aí depois sumiu “as 10 mil cadeiras” e só ficaram “cadeiras”. Então, cadeira, eu também entendo... Se você fala para mim “as cadeiras são suas”, eu vou olhar aqui... Então, todas as cadeiras são minhas. Se você falar assim, “cinco cadeiras são suas”, eu vou levar cinco cadeiras. Então eu não acho que a WTorre esteja errada; eu acho que errado é quem alterou o contrato e mexeu... Foi aprovada uma coisa pelo associado e depois apareceu outra. Mas ali é complicado. E a gente se envolveu, a gente procurou ajudar *pra* caramba. Estava travado, não saíam as certidões, quem provocou a reunião com o prefeito Kassab e com o secretário **de governo** fui eu. A gente fez uma panfletagem... A gente teve uma reunião com o Walter Torre, eu fui até desagradável com o Walter... Porque a obra não saía, aí um diretor nosso, o Izidoro, no banquete de aniversário do Palmeiras, o Izidoro cobrou o Walter e aí o Walter falou: “vamos fazer uma reunião, vamos conversar”. E aí, nessa reunião, eu perguntei para o Walter: “Você me desculpe, mas...” Estavam saindo aquelas informações que a WTorre estava quebrada e não sei o quê. Eu falei: “Você me desculpe. Eu não te conheço, mas eu tenho que perguntar. Estão falando que você está quebrado. Você está falido? É isso? O estádio não vai sair por causa disso?”. Aí ele deu risada, falou: “Não, não é isso”. E aí começou a falar, começou a se queixar da diretoria do Palmeiras, que não ajudava e o caramba, aí ele falou: “Eu preciso de ajuda, cara”. Aí... Eu tenho todo o processo. Tudo. Ele mandou xerocar. Eu tenho todo o processo da arena. Tudo. Tudo que vocês imaginarem, ele entregou na minha mão. Ele falou: “Ajudo com o dinheiro que for, mas eu preciso resolver, cara”. Aí ele continuou conversando, eu falei assim: “A gente vai precisar de mil reais”. Aí ele falou: “Mas mil reais? Vão fazer o que com mil reais?”. Eu falei: “A gente vai fazer um panfleto e eu vou provocar um lance aí, uma reunião”. E aí a gente fez um panfleto, distribuímos no jogo aqui, aquele com a foto da arena, “Kassab, palmeirense também vota”, não sei o quê. Aí pedi para o nosso vereador, ele marcou a reunião e aí a coisa acabou caminhando, entendeu? Mas se dependesse lá de dentro, lá deles, eles iam estar esperando até hoje uma ajuda do povo, uma ajuda... Então o Palmeiras é complicado, é difícil.

B.B. – Lembrando que a gente está fazendo essa gravação a menos de uma semana da inauguração do primeiro jogo do Palmeiras<sup>27</sup> **então**, essa história ainda vai ser contada. De todo modo, pelo valor do ingresso, isso não vai dificultar a presença da torcida organizada?

P.A. – Vai. A forma de venda de ingresso, se vocês perguntarem para mim, a forma de venda de ingresso para a torcida não existe, é errado. Aquilo foi projetado para ter uma acústica maravilhosa, e tem, mas se você não tiver um grupo unido ali cantando a mesma coisa, não adianta, não vai acontecer nada. Então você precisa vender ingresso para a torcida organizada. Tem que vender. O preço é um absurdo: 80 reais. É fora dos padrões. O estádio é maravilhoso, é outro mundo, mas não interessa. Então você tira a cadeira lá do fundo, deixa sem cadeira, e fala assim: “Então, esses aqui vão pagar 40 [reais] porque eles vão assistir o jogo em pé”. E é isso. Se quiser sentar, vai sentar no cimento. E é assim que é. E isso acontece muito na Europa. Esse tipo de experiência que tem na Europa, eles não usam aqui. E o local que colocaram as torcidas do Palmeiras foi errado, porque eles colocaram as torcidas... Isso eu vou falar para eles lá, ainda. Eles colocaram a torcida na parte de trás da arquibancada, aonde tem o espaço para a montagem do palco, para quando tem os shows. Então você tem ali, pelo menos, uns 30 metros, do último degrau da arquibancada. Você tem um outro espaço que dá para colocar mesa, aqui, também, quando tem shows, que eles usam como um anfiteatro. Para 14 mil, o palco fica montado lá, mas para cá, e para 50 mil, o palco fica montado lá, mas para o outro lado. Então tem um espaço aqui para colocar mesa. Então, do último degrau da arquibancada onde o pessoal vai ficar até o gol do adversário, você tem 30 a 40 metros. E o lado de lá, você está no cangote do goleiro adversário. Então a torcida tem que estar do lado de lá. Senão não vale a pena você ter uma arena daquelas, se você não pode fazer pressão. Você tem que exercer a pressão que o seu estádio permite que exerça. Você coloca num espaço onde você está dando conforto para o goleiro adversário, e é capaz, ainda, de colocar a torcida adversária lá do outro lado, porque aí, na hora que você jogar do lado de lá, os caras... vai matar o seu goleiro, entendeu? Então às vezes a gente parece a Portuguesa, não é, cara? [risos] É difícil, mano. Os caras não enxergam. Ali é... Você tem que ficar ensinando, tem que ficar falando. Mas não é o Palmeiras; aí tem que conversar com a WTorre, tem que conversar com quem manda. Porque o Palmeiras não manda nada. A gente terminou a... Nós gravamos um clipe lá na arena, antes

---

<sup>27</sup> O primeiro jogo oficial no Allianz Parque foi em 19 de novembro de 2014, entre Palmeiras e Sport.

de inaugurar, o clipe do samba-enredo, e aí fizemos um puta trabalho, cara! É maravilhoso! É maravilhoso! A gente usou helicóptero, pegamos cena do alto... Gastei uma puta grana, mas fizemos um puta trabalho: câmera de última geração... É um negócio muito legal. Quando a gente estava terminando a edição, eu liguei para o presidente, mandei uma mensagem para ele, falei: “Pô, presidente, ficou demais, meu! Vamos colocar ele no primeiro jogo, lá nos telões”. “No primeiro jogo” – sabe aquela ducha de água fria? – “fica difícil, não sei o quê”. Eu falei: “Pô, mas tem que falar com mais quem, mano?” “Vê lá na WTorre também, não sei o quê.” Então essas coisas desanimam. Você tem que ter um presidente que é o seguinte... “Pô! Isso é legal *pra* caramba! Ficou legal? Deixa eu ver. Manda aqui para mim. Ficou bom *pra* caramba. Vamos colocar. Com quem tem que falar?” Não sou eu que tenho que falar. O cara pega o telefone e liga lá, fala. Mas aí ficam essas picuinhas, ficam essas guerras aí, e vai perder, não adianta. Quem vai perder é o clube. A empresa vai ser prejudicada também, mas mais prejudicado é o Palmeiras. Por que não fizeram um museu? “Ah, tem o lugar lá para fazer.” Tem. Mas quem vai fazer? Se eu sou a empresa, eu não ponho mais um real lá dentro; eu vou ficar 30 anos só tomando. Porque toda hora é um problema, toda hora é difícil, toda hora não sei o quê, toda hora não concordam. E você vê, eu estou falando a favor da empresa; não estou nem falando a favor do Palmeiras. Mas é que têm certas coisas que incomodam você ouvir. Então... O quadro móvel é caro. Não adianta. Você não está comendo pão com mortadela; agora você está num outro nível. Então, se você quiser fazer a organização de um jogo lá, é lógico que seu custo pode ser menos, porque você está falando com a AEG, então é diferente. Eles enxergam que ali precisa de 30 seguranças, então eles vão colocar 30 seguranças ali. Aí eu, daqui, eu enxergo e falo: “Não, mas dá para fazer com cinco”. Entendeu? Eu, se a casa é minha, eu ponho cinco. Mas os caras administram um espaço que não é deles, e se acontecer algum problema, vai recair sobre eles, porque a organização é deles. Então, aí os caras reclamam do quadro móvel. “Não dá para a gente fazer aí a final do sub-17? Se eu quiser fazer...” “Dá para fazer tudo. Vamos conversar.” “Nesses jogos aqui, não dá para facilitar?” “Dá para facilitar. Vamos inaugurar. Vamos fazer. Mas meu custo é esse aqui.” “Nossa! Mas esse custo é muito caro.” Aí fica tudo muito difícil. É lógico que o custo vai ser caro. Vai ser caro. Dependendo... Se você contratar uma empresa para fazer um coquetel aqui, dependendo da empresa, um vai trazer o uísque mais caro, o outro vai comprar uísque mais barato. Às vezes, se você comprar, você vai comprar aquele que é o mais caro num lugar que é muito mais barato até que o outro. Mas é você que tem que fazer. Mas você tem que ter bom senso no que

necessita. Você não pode usar a mesma estrutura que você usava aqui. Você vai pôr banheiro químico? Aqui, os caras não tinham vergonha. Banheiro químico? Não existe isso em jogo de futebol. E o Palmeiras não tinha nem a vergonha na cara de cobrir os banheiros, pelo menos. Você via jogo dos adversários aí, pelo menos os caras colocavam uma lycra na frente e escondiam os banheiros. O Palmeiras não está nem aí. Então você está transmitindo o jogo lá e o cara abrindo a porta, entrando no banheiro, saindo... Não tem lógica. Aí os caras querem... Açam que a arena, você vai montar o mesmo quadro móvel, que ele vai usar... o segurança que trabalhou a noite inteira do dia anterior vai fazer o jogo também, vai chegar às quatro horas da tarde e vai fazer o jogo. Não é assim. Então são esses pensamentos pequenos que acabam incomodando a mim, pelo menos – eu não sei os outros, mas a mim incomoda –, porque aí o clube pensa pequeno. E você vai pensar pequeno numa casa daquelas? Você fala para mim: “Você quer uma Ferrari de presente, Paulinho?”. Eu quero. Mas aí eu vou perguntar para você: “Você vai pagar o IPVA para mim?”. Porque eu não tenho dinheiro para pagar o IPVA. Não adianta andar de Ferrari e aí, daqui a dois meses, eu tenho que pagar o IPVA. Eu vou fazer o quê? Não tem jeito. Então não tenha... É isso que eu não concordava lá atrás, de vender ilusão, “porque vamos fazer shows, vamos não sei o quê, e vai...”. Não. Calma. Eu sei que não é bem assim. Aí o cara quer cobrar o ingresso a 80 paus.

B.B. – Vai descontar em quem... [**Inaudível**].

P.A. – É isso aí. Aí você vai elitizar. Aí você vai ter um público lá dentro que vai assistir o jogo sentado. Legal *pra* caramba. Mas e a emoção do futebol? Vai ficar aonde? Aí quem vai ganhar dinheiro? Vão começar a abrir diversos *pubs* em volta ali. Daqui a pouco, você vai ter mais bar lá do que qualquer outra coisa, em volta. Vai todo mundo para os bares assistir jogo. O cara não vai deixar de ir para a arena. Ele não vai ter grana para entrar, mas ele vai assistir o jogo nos bares em volta. Você vai continuar tendo briga do mesmo jeito. Talvez até pior. Porque aí o cara vai estar enchendo a cara e fazendo sei lá mais o quê o tempo inteiro, vai dar trabalho *pra* caramba. O cara não... Dentro do seu estádio, você não vai ter um público vibrante, você não vai passar emoção. Todo mundo fala demais da Bombonera. Mas vê se os caras vão mudar? Vê se a diretoria do Boca quer mudar? “Pô! Mas os *barras* tomam o dinheiro do jogador.” Deixa tomar, cara! Se a política é essa lá, aqui não é, mas se é essa lá... É assim. Os caras não estão nem aí. Não vai mudar. Eu fui assistir Boca e Independiente lá. Aí eu queria assistir do

outro lado, mas não dá. E agora tem uma política lá de dificuldade de venda de ingresso para os caras. Aí só tem do lado da torcida do... E eu conversei com os caras deles. Só tem lá do lado da torcida do Independiente. Eu falei: “Mas eu não conheço ninguém lá”. “Mas quem vende é nós.” Então os caras, para não dar ingresso aqui, que todo mundo sabe que é do Boca, e a polícia fica em cima, o que os caras fazem? A cota que é do adversário é 5 mil ingressos? O cara manda 3 mil, e 2 mil está aqui e distribui para os caras. Daí os caras fazem o dinheiro deles. É assim que é. Só que na hora que está lá dentro é o estádio inteiro, os caras puxam, todo mundo está junto, não tem aquela coisa. Então existe todo um clima que eles não vão perder. Pode acontecer o que for, jogo de uma torcida só... Eles não vão perder. Há uns três anos atrás, eu estava na Argentina e eles estavam em pé de guerra lá, entre eles mesmos, da 12 lá, eles estavam em pé de guerra. Aí os caras pararam o carro para ir assistir a um jogo lá no interior e, quando eles voltaram, os carros estavam todos queimados. Dentro lá do Boca mesmo. Os caras puseram fogo. E quem pôs fogo nos carros deles foram os próprios caras da torcida deles mesmos. Então, lá é diferente daqui. Mas aqui você tem alguma coisa que ainda é sadia, que é o amor pelo clube. “Ah! Mas tem umas torcidas que recebem dinheiro.” Tem. Mas aí eu acho que... Quem está dando o dinheiro tem que saber para onde está indo o dinheiro. Se eu sou dirigente do Palmeiras e eu sento com a torcida... Eu quero saber onde está sendo investido o dinheiro. Agora, você dá dinheiro para cinco ônibus e os caras levam dois. E os outros três? Você não sabe que só tinha dois? É lógico que você sabe que só tinha dois?! Fez isso uma vez. Fez a segunda, você corta. “Então está aqui, é um ônibus. O outro, você se vira.” Eu acho que é assim que tem que funcionar. Vai dar ingresso? Eu acho que ingresso, não tem que dar. Não tem que ter esse negócio de dar ingresso.

J.F. – A Mancha tem conselheiros...?

P.A. – Tem.

J.F. – Tem representação no Conselho Deliberativo do Palmeiras?

P.A. – Ah! Tem. Tem um monte de cara que é da Mancha ou que se dizia da Mancha que é conselheiro. Mas não... No meu modo de entender, não funciona nada. Tem até um menino que

é candidato – junto com o Pescarmona<sup>28</sup> – a vice agora, o Carlão<sup>29</sup>, que é um menino que cresceu com a gente lá. Mas também tenho minhas restrições, porque eu acho que mudou um pouco o pensamento. Mas tem bastante. Hoje, com certeza, tem mais de 20 ou 25 que vieram ou da Mancha ou da TUP, mas que vieram de arquibancada, mesmo. Eu devo sair candidato ao Conselho agora em 2015, agora. É a primeira vez. Eu nunca... Eu estou pensando ainda, também. Não sei se vou, não. Não sei se vale a pena, não. Porque eu devo ficar dois meses e o cara deve me expulsar. Porque eu não entendo: os caras... É conselheiro, mas você não pode abrir a boca na reunião. Porque eu ouço os caras, eu falo: “Por que vocês não sobem na mesa, não viram a mesa? Por que vocês não falam, cara?”. “É, não pode. Tem o regimento”. Eu falei: “Regimento, rapaz?! Regimento?!”. Você tem que ter respeito, mas você tem que se fazer ouvir, não é? Então não sei. Mas vamos ver se sai ou não.

B.G. – Mas como que você vê essa participação desse pessoal que sai da torcida para, sei lá, virar presidente de algum clube? Você acha que é uma...?

B.B. – Ou presidente do Conselho Fiscal, que nem de outros clubes aí.

P.A. – Eu acho perfeito. Desde que não perca a sua essência, desde que o cara não esqueça de onde ele veio e quais são as finalidades de um torcedor, mesmo. Eu acho legal. Eu apoio. Porque eu acho que, na grande maioria dos clubes, você tem aquela coisa de pai para filho. Só que o de pai para filho não é o de pai para filho que está acostumado a te dar dinheiro do bolso para comprar ingresso; não é aquele cara que ficava a noite inteira na fila para comprar o ingresso de uma final; não é aquele cara que ia no banheiro, você tinha que entrar com água até aqui, que nem o Pacaembu, diversas vezes. Hoje, eu não sei como está, mas se ainda tem banheiro químico, não deve estar bom o banheiro, ainda. Você rezava... A gente, quando descia a rampa do Morumbi, eu rezava para o alemão... Tinha um alemão que era até santista; não era... Todo mundo sabia que ele era santista. Mas a gente rezava para ele estar lá, porque ele vendia... O sanduíche de mortadela era dois por um real. Acabava o jogo, quando a gente descia, eu rezava para o alemão estar lá, para a gente poder comer pão com mortadela, porque... uma fome desgraçada. Então esse é o verdadeiro torcedor. Esse talvez erre numa administração

---

<sup>28</sup> Wladimir Pescarmona.

<sup>29</sup> Carlos Degon.

do clube, tentando acertar. Esse seria perdoável. Agora, esse de pai para filho, o cara só vai assistir se for tudo pago, ele só vai se estiver na tribuna, ele só vai viajar atrás do clube quando o clube paga. “Ah! Viajei com a delegação.” Ele vive em outro mundo. Ele não se incomoda se o... Ele sabe que o jogador está na noite ou não. Ele vai para a noite com o jogador. Mesmo que isso prejudique o rendimento do jogador dentro de campo, ele vai estar com ele na noite. Então, esse tipo de pai para filho que tomam conta dos clubes brasileiros, eles não valem. Aí as pessoas falam: “O Eurico reassumiu a presidência do Vasco”. Não sei. Eu não vivo o Vasco, eu não sei se é bom ou se é ruim. Eu sei que ele conquistou algumas coisas lá no Vasco. Depois dele, ninguém ganhou mais nada. Então, os caras bons, onde estão os caras bons? Eu vi uma situação do Eurico, numa prisão que teve, numa briga em um Vasco e Corinthians, eu estava na delegacia e os caras... O Roberto estava algemado, e sem necessidade nenhuma, e eu estava batendo boca na hora com os policiais, por causa do Roberto, para tirar a algema e o caramba, no pátio da 23, e o Eurico desceu do táxi. Eu tinha ligado no hotel, um cara que ele não sabia nem quem era, eu liguei porque o Roberto... Ele estava no Hilton, aí o Roberto falou: “Paulinho, tenta falar com o Eurico”. Aí eu liguei, me identifiquei quem eu era, para uma pessoa que veio atender o telefone... Falei com a menina da recepção, ela falou: “Eles estão no restaurante”. Aí eu falei: “Olha, está acontecendo um problema assim, assim, assim, eu preciso falar com alguém da delegação porque eu preciso falar com o presidente”. Ela chamou alguém que eu não sei quem era, eu expliquei e, não deu muito tempo, ele veio atender o telefone. Ele falou: “Você está aonde?”. Eu falei: “A gente está aqui na 23<sup>a</sup>”. Ele falou: “Estou indo para aí”. Não passou 40 minutos, encostou... Na hora que eu estava discutindo com os policiais. Ele desceu do carro, ele acabou com os policiais. Mas acabou. Achei aquilo sensacional, cara! Achei aquilo sensacional! Eu não posso dizer do resto porque eu não vivo o Vasco, mas esse tipo de relação, de atitude... E os caras não tinham feito nada de errado. Não tinham feito nada de errado. Tinham armado uma emboscada para os caras. Os caras não tinham feito nada de errado. Então, esse tipo de relação que eu acho que tem que existir. Porque, como eu falei, não é fácil você sair daqui, pegar um ônibus convencional e assistir Palmeiras e Vitória na Bahia. São três dias e uma noite, ou três noites e um dia de viagem, ou sei lá se eram duas ou uma. Você passa por lugares que não têm absolutamente nada. Você viaja com uma rapaziada que às vezes não tem o que comer. Aí os caras não entendem a relação da torcida: por que o cara fica furioso se [alguém] rasgar a camisa da torcida ou se tentar roubar a faixa ou a bandeira da torcida. É porque, na torcida, ele se sente incluído. Na torcida, ele faz parte de uma sociedade, ele faz

parte de alguma coisa. Na torcida, está sentado do lado dele o cara que chega de Mercedes, está sentado o advogado, está sentado o ladrão, também, mas está todo mundo no mesmo ambiente, todo mundo se respeitando. Então ele se sente fazendo parte de alguma coisa. E isso você não encontra fora da torcida. Porque não adianta, você tem um amigo que é mais rico que você, aí o cara... “Não, vamos comigo, vamos ali naquela balada e tal”, essas baladas que é 600 contos para entrar, ou 700. O cara vai chegar, ele não está vestido adequado, ele vai se sentir mal, e quem está lá dentro vai olhar, já sabe que o cara não faz parte daquele mundo, aí vai destratar. Não tem jeito, porque destrata, mesmo. Ali é um território livre, a torcida organizada, somos todos iguais. Aí você está na parada, o moleque não tem o que comer, aí aquele cara que tem o dinheiro vem, “não, vamos comer junto”, ou então os caras roubam uma ficha e aí todo mundo come, e o cara que tem dinheiro come junto, também. Isso faz parte. Não adianta falar que não é. E é assim que funciona. E aí existe o carinho, existe o respeito.

J.F. – E a presença da mulher na Mancha? Como que é a participação feminina dentro da Mancha? Tem cargo de direção com mulheres, na Mancha?

P.A. – Tem. Naqueles anos nossos de 1992, ali na [rua] Padre Antônio Tomás, as meninas... A gente teve até diversas matérias no jornal com as meninas. A gente tinha muita mulher bonita lá. E a gente sempre teve essa tradição de respeitar as mulheres, de as mulheres estarem próximas e de estarem juntas, também. Então a gente tem mulher que está desde a fundação: você tem a Gaúcha, você tem a Venê, você tem mais umas cinco ou seis mulheres que desde a fundação da Mancha elas estão juntas. Então é a mulher que, se precisar lavar um banheiro, ela lava; se precisar fazer uma feijoada para arrecadar um dinheiro, ela faz; se precisar costurar a fantasia, ela costura; se precisar costurar a bandeira, ela costura.

J.F. – Se precisar brigar...?

P.A. – Sim. E se precisar brigar, briga também. Essas aí brigam. [risos] Essas outras que vieram depois não, mas essas aí brigam. Essas aí já brigaram bastante. Então são pessoas que são respeitadas. A gente... São incluídas. Também, não existe distinção. Não existe distinção. Hoje, as mulheres até brigam mais, porque... Palmeiras e Flamengo, o pessoal não queria que as mulheres fossem no... Não deixaram ir no ônibus, agora. Mas isso a gente já fazia lá atrás,



porque é um jogo perigoso. Você vai para o Rio de Janeiro, é complicado, não é? A gente já sabe como é. Então, não adianta você deixar menor ir, deixar... Tem que ir quem sabe para onde está indo, porque depois acontece uma desgraça, como já aconteceu várias vezes, e aí a família não entende, a família quer cobrar. Mas você não força ninguém a ir. Às vezes, até você não está com saco de ir, também. Então é... Mas a gente...

J.F. – Essa rivalidade com o Flamengo, Paulo, ela se acirrou na tua gestão? Ou, quando você assumiu a Mancha, já era uma...?

P.A. – Ah, já era, já era. Mas ela foi ficando pior. Ela foi ficando pior. Sempre foi complicada, sempre foi **brava**. Até 1979, a relação era boa; de 1979 em diante, a coisa foi ficando esquisita. Aí, depois de um certo tempo, a torcida do Flamengo começou a se relacionar... primeiro era com o Corinthians, com os Gaviões, e depois, com a Independente. Tanto é que, hoje, não sei se a Jovem e a Raça, tem amizade com a Independente e a outra não gosta. Tem um negócio meio que assim. E aí a coisa acirrou mais. A coisa acirrou mais. E aí teve aquele lance de... Pegou fogo no ônibus; aí, depois, morreu os meninos lá que tomou tiro na cabeça. Na minha gestão isso aí, de 1995. A gente está na porta do Maracanã, viatura na frente e atrás, quando a gente saiu de dentro do estádio, veio um monte de... Eles vieram para cima da gente e aí a gente foi para cima deles. A gente foi para cima, mas os caras correram. Não era normal isso. Já saíram correndo. A gente foi correndo, correndo, começamos a entrar numas ruas lá... Saímos da frente do Maracanã, entramos numas ruas, eu falei: “Ah, meu, tem alguma coisa de esquisito nisso aí”. Aí eu parei todo mundo e falei: “Vamos voltar, vamos embora”. Aí voltamos. Aí os moleques... “Não, vamos atrás”. Eu falei: “Não, não vamos, não. Está muito fácil isso aí. Os caras correndo desse jeito aí está estranho”. Aí a gente voltou. Eu falei: “Vamos embarcar. Vamos embora. Vamos embora”. Está embarcando, aí passou um carro do lado do ônibus e os caras metralharam os ônibus. E as viaturas e as motos não saíram do lugar. Do jeito que estava a polícia lá, do jeito que estava, ficou parada. Do jeito que estava, ficou parada. Até para socorrer, os caras não se mexeram, mano. Não se mexeram.

B.B. – Em que ano que foi?

P.A. – Em 1995. Então o Rio é difícil. O Rio é complicado. O Rio é difícil. Por isso que, quando vem para cá, fica todo mundo em polvorosa, também, e os caras querem pegar, querem... Porque lá é complicado. Lá envolve outras coisas. Então, lá, relacionamento das torcidas com a polícia é promíscuo demais, também, com o negócio de... Umas têm um acesso com um batalhão aqui; outras têm acesso com o batalhão lá. A gente sofreu... Teve que falar com Deus e o mundo para... A gente só entrava no segundo tempo, no Maracanã. Só entrava no segundo tempo. Quando você descia a Serra das Araras ali, os caras paravam, e dali nós ficávamos. Aí que a gente foi descobrir que tinha que dar um dinheirinho para os caras. Aí eu falei: “Eu não vou dar dinheiro para ninguém, não”. Aí fala com um, que fala com o ministro, que fala com o outro, que fala com o secretário de Segurança, que não sei o quê, que aí foi melhorando. Mas eles seguravam. Seguravam. E aí é complicado. Esse menino que morreu, estavam as viaturas na frente. Uma outra vez que... Aí eu já não era mais presidente. **[Inaudível]** menino que acabou morrendo lá também foi na estrada. Na volta, ali quando você vai pegar a Serra das Araras, ali é... Esqueci o nome. As viaturas também estavam escoltando. Não mudou nada. Do jeito que estavam escoltando... Começou a vir tiro de tudo quanto é lado. E aí também acertou a cabeça de um menino. Então é complicado, é difícil.

J.F. – Você acha utopia pensar um código entre as torcidas que evite arma de fogo, que mantenha o antagonismo dentro de determinados limites, Paulo?

P.A. – Sabe por quê? Quem apanha perde totalmente a noção e quer dar o retorno de qualquer jeito. O que aconteceu na [avenida] Inajar [de Souza] lá, com os meninos da Zona Norte, eu falei para os moleques. Porque eu tenho uma amizade legal com essa molecada da Zona Norte. É uma molecada gente boa, cara. E eu falei para os moleques. Eles estavam numa sequência de... Toda hora brigando com eles, e brigando... Eles tinham feito um acordo: só saíam na mão; se cair no chão, não pode chutar a cara de ninguém; essas coisas aí. Eu sempre achei um absurdo isso aí. Não precisa conversar esse tipo de coisa, não é? Aí eu falei para eles: “Mas tem que tomar cuidado”. Porque vieram na sequência de... Três ou quatro vezes se encontraram e bateram e não sei o quê. Eu falei: “Meu, isso aí não vai dar certo. Eu conheço o lado de lá. Não vai **[inaudível]**”. E acabou acontecendo o que aconteceu. Então, esse que é o problema. Eles até conversam. Andaram conversando, uns anos atrás aí.

B.B. – A Conatorg<sup>30</sup>.

P.A. – É. Eles andaram conversando, para ter essa coisa aí de não usar bomba, de não usar arma de fogo, mas é difícil, não é? É difícil. O negócio de briga de torcida é um negócio complicado. Não é uma matemática fácil de você entender. Você está lidando com... São muitas cabeças. São muitas personalidades, muitas mentalidades diferentes, então... Esse negócio da internet também atrapalha demais, porque todo mundo quer ser herói, na internet, todo mundo quer... É difícil. Por exemplo, esse negócio que aconteceu com o Santos, lá na [rodovia] Anchieta, **eu não entendo**. Se ainda fosse uma coisa que fosse em outro final de semana, contra o Corinthians, contra os Gaviões, devido ao que aconteceu na Inajar, e você expor a entidade e correr o risco de acabar a entidade, de fechar a entidade, é até aceitável. Você fala: “Pô! Morreu dois!”. Agora, com a Jovem do Santos?! Não tem motivo, cara, não tem. Você parar uma das principais estradas do estado de São Paulo e achar que isso não vai repercutir, não vai acontecer nada? E até que, na verdade, também não aconteceu nada, porque a polícia não fez nada, o poder público não fez nada. Então, a impunidade também é complicada. Aí todo mundo acha que pode fazer qualquer coisa. É difícil.

B.B. – Lá em Minas, chegaram a prender, não é?

P.A. – Tem um monte preso, e num fato que até não estava nem ligado ao futebol, porque foi naquele negócio da luta, não é? Eu acho que a coisa tem que ter... Sinceramente... Porque não são essas quadrilhas organizadas que todo mundo... ou que a grande maioria imagina que seja, então, é tão fácil descobrir as coisas, cara. Primeiro que, na maioria das coisas, os caras se entregam mesmo, escrevendo na internet; segundo que tem tanta coisa aí... tanta ferramenta para descobrir, grampo em telefone, tem tanta coisa para fazer. Eu não sei. Às vezes, também parece que os caras vão deixando porque senão não tem graça, tem que ter alguma desgraça no futebol, para poder falar. Sei lá.

---

<sup>30</sup> Conatorg – Confederação Nacional das Torcidas Organizadas.

B.B. – Serdan, diz-se muito que a presença das torcidas que se tornaram escolas fortaleceram o carnaval de São Paulo a partir dos anos 1990. Não existe também o risco de levar essas rivalidades para o carnaval?

P.A. – Existe.

B.B. – Agora, com a ascensão... Temos a Dragões, que também está no Primeiro Grupo; tivemos...

P.A. – A Independente está no Acesso.

B.B. – Um pouquinho antes do carnaval desse ano, teve um confronto com Santos e São Paulo, foi tenso o carnaval do Grupo de Acesso. Você acha que isso é um risco que para frente pode...?

P.A. – Eu não confio, não. [risos] Eu não confio, não. De verdade. Eu não minto, não. É complicado. Na verdade, a Independente não tinha que estar no carnaval. Esse é meu pensamento e não vai mudar. Eles foram extintos... [Eles] foram proibidos de participar do carnaval, naquele fato que morreu um pessoal lá no Anhembi e o caramba, e aí saíram e foram lá para a minha quadra, aí acabou morrendo um menino nosso e um menino deles. Então, ali, a Uesp<sup>31</sup> travou. Foi feito um acordo no Ministério Público que eles não podiam voltar para o carnaval. Aí eles voltaram como? Aí compraram uma escola de samba, depois de um tempo, depois de anos, compraram a escola de samba, e aí desfilaram um ou dois anos com o nome junto, e agora eliminaram e é só Independente. Eu... Aí já não é Ministério Público, não é nada; aí são as entidades do carnaval. Eu abri uma discussão disso, me indispus e o caramba, mas eu não sou dono do carnaval, não é? Então foi o que eu falei para todo mundo, eu falei: “Eu não sou dono do carnaval”, até para o pessoal da Independente. Eu falei: “Se depender de mim, vocês não desfilam. Agora, eu não sou o dono. Quem manda aí é o colegiado. Se os caras acham que vocês têm que estar, tudo bem. Para mim, vocês vão ter que provar muito, para mostrar que vocês não são o que eu sei que vocês são”. Entendeu, cara? Porque o carnaval é outra cultura, o carnaval é outra coisa, o carnaval é outra situação. Meu, a gente trabalhou

---

<sup>31</sup> Uesp – União das Escolas de Samba Paulistanas.

muito, para ter a entidade que a gente tem hoje, a mentalidade que existe na Mancha. Esse ano, a gente está falando do Palmeiras, é o nosso centenário. É uma entidade ligada a um time de futebol, mas não é baixaria, não é... Você não vai lá... Quando a gente estava falando do Ariano Suassuna, por exemplo, você não ia no ensaio nosso lá e a gente cantava o hino do Palmeiras. Não. Ali é carnaval, é para você levar a sua família, levar a sua esposa, levar sua namorada e curtir, a sua esposa ser respeitada. Seu filho pode estar correndo no meio da quadra. Porque a minha corre no meio da quadra. Eu não vejo minha filha. Minha filha vai nos ensaios, vai nas festas, ela chega 11 horas da noite lá, 10 horas da noite, comigo, e eu vou ver ela quatro horas, cinco horas da manhã. Ela fica andando para cima e para baixo lá com as amiguinhas dela. Ela tem 10 anos de idade. Não é aquela moça de 18 ou 19 [anos].

[FINAL DO ARQUIVO III]

P.A. – ...muito nessa, não. Não adianta falar que não tem, porque tem. Então, só não vai mandar porque não quer.

J.F. – Ela gostou daquela história do cachorro lá de Bragança. Mas eu não sei se o Bernardo... A gente pode deixar por último e aí você fecha o...

B.B. – Não, pode **começar**.

J.F. – Sobre o carnaval, você tem mais alguma...?

B.B. – Também, o que estava em *off*.... Está rodando?

B.G. – Está.

B.B. – Você comentou da escolha dos temas do Grupo Especial: o Ariano Suassuna; depois, o estado de Pernambuco. Como é que tem sido a temática da escola?

P.A. – A Mancha, desde quando a gente era bloco, a gente veio com uma gama de enredos bem interessantes. E aí, depois, como escola de samba, em 2000, eram os 500 anos de Brasil, que

foi meio que... todas as escolas, aqui em São Paulo meio que fizeram, e a gente veio por uma outra linha, para dar uma... O enredo era: *Brasil, que história é essa?* Então a gente veio contestando um monte de coisa. A gente procurou sempre trabalhar enredos que interessassem o componente. Então a gente fez o enredo *A força do trabalhador*, também, falando sobre o sindicalismo, sobre o trabalho, desde os primórdios; fizemos um enredo... Esse foi muito bem desenvolvido e legal, que foi em 2003: falava sobre o verde, sobre a cor verde, então a escola veio toda em vários tons de verde. Então a gente... E carnaval é muito legal, porque você acaba descobrindo algumas coisas, tipo: existe uma membrana que envolve o nosso coração, envolve o coração de todo mundo, até dos corintianos – eles não vão gostar, não, mas é –, que é o *chakra*, e é verde, essa membrana. O carnaval é extremamente cultural. Eu acho... Você acaba... Eu particularmente, que não estudei muito, mas você acaba aprendendo muita coisa, no desenvolvimento do enredo. Esse enredo do Palmeiras agora – porque, em 2015, a gente fala sobre o centenário do clube –, tem algumas coisas que a torcida do Palmeiras não faz nem ideia, como eu também não fazia. O primeiro pouso de um avião dos Correios foi feito na nossa área lá, onde é a arena hoje; a primeira chegada da primeira corrida de automóvel na cidade de São Paulo, a chegada também foi lá na arena; a ópera *Aida* – Aida ou Aída, não sei direito como se pronuncia –, ela foi encenada lá no nosso espaço, também. Então são situações que a gente desconhece. Porque a gente está fazendo um carnaval do centenário, da história do clube; a gente não está falando só do futebol. Então a gente vem do centenário, mesmo. É um desenvolvimento do enredo de uma forma que a gente vai surpreender todo mundo. Todo mundo espera todo mundo de bermuda, meião e chuteira, e não é nada disso, é um carnaval luxuoso e um carnaval bem elaborado e bem pesquisado.

B.B. – Quantos integrantes, hoje, tem no desfile da escola?

P.A. – Esse ano, a gente deve sair com uns 4.200, mais ou menos, ou 4.300 [integrantes]. Essa deve ser mais ou menos a conta. Mais do que isso... A gente já vem num tamanho até um pouco perigoso, mas mais do que isso já começa a ser loucura já, por causa do tempo. Aqui é pouco tempo.

B.B. – E essa escolha do Ariano Suassuna como tema, você estava contando que você assistiu um programa de televisão...

P.A. – A gente estava já com um enredo pronto – a gente ia falar sobre o etanol –, já o enredo pesquisado, as fantasias sendo desenhadas já, e já estava tentando captação de patrocínio, alguma coisa. Porque, na verdade, era um enredo que a gente ia tentar juntar o útil ao agradável: tinha um diretor nosso que tinha alguns contatos nessa área, então a gente achou que era o momento, também. O etanol estava num momento que todo mundo estava falando muito, e a gente falou: “Vamos ver se a gente consegue um patrocínio para fazer um grande desfile”. E aí, a coisa já andando, a gente ia soltar a sinopse dos compositores já, para poder se fazer o samba, e assistindo o programa do Jô Soares... Era aniversário do Ariano, de 80 anos, se eu não me engano. E assistindo o programa, eu fiquei encantado, achei extremamente absurda, ricamente, a história dele, aí eu falei... No outro dia, chamei a diretoria para conversar e fiz a proposta. É que a gente faz já com uma... de uma maneira fácil de eles aceitarem, não é? É uma brincadeira. A gente conversou, e a grande maioria também tinha assistido o programa... A gente tem... O meu diretor-geral, hoje, é um dentista; o meu diretor de carnaval é um grande executivo de uma multinacional nervosa. Então a gente... Há uma mescla de cabeças pensantes, na frente da entidade. Aí muita gente já tinha assistido, e o Ariano era cativante: você vendo ele conversar, era um... Na verdade, o Ariano fez eu ir no teatro pela primeira vez, porque eu nunca tinha ido ao teatro. Estava passando uma peça, *O auto da compadecida*, por coincidência, quando a gente já estava desenvolvendo o enredo, aí eu fui assistir à peça, também. Então foi um enredo que a gente acertou, e acertou muito.

B.B. – E como é que foi a reação dele, quando vocês o procuraram e propuseram essa homenagem a ele?

P.A. – Uma das pessoas de mais... Eu não sei se a palavra certa é importante, mas, com certeza, a palavra do Ariano tinha um peso, principalmente em Pernambuco e na Paraíba, também. Porque, na verdade, ele nasceu na Paraíba. Ele tinha os dois estados como a casa dele, mas ele nasceu na Paraíba. Ele adotou Pernambuco como a terra dele, mas ele era paraibano. A simplicidade dele foi um negócio que me assustou demais, me impressionou demais. Porque às vezes você está acostumado a conhecer pessoas com poder, ou pessoas financeiramente bem resolvidas, e uns são humildes, outros são metidos demais. Eu já vi muita coisa na minha vida. E a simplicidade dele, por ser a pessoa que ele era, aquilo me impressionou de uma tal forma...

Eu voltei de Recife... parece que mais aliviado. Ele era um cara que você conversando com ele, você não queria sair de perto dele. Impressionante. E na casa dele, a gente conversando, em determinado momento, ele virou e falou: “Mas eu não tenho dinheiro para ajudar. Se vocês precisarem de dinheiro, eu não tenho como”. Eu falei: “Não, seu Ariano, pelo amor de Deus! A gente só veio pedir sua autorização. Dinheiro não precisa, não. Dinheiro a gente tem, para fazer o carnaval, com o maior prazer”. E aí foi. Uma parte do samba, também, a gente fez uma junção, no refrão do meio, que falava da esposa dele, da Zélia. Porque tinha esse refrão num outro samba, e aí, quando foi feita a escolha do samba, ganhou um outro, e aí eu chamei os compositores, chamei o intérprete, aí falei: “A gente não consegue encaixar esse lance da Zélia aqui nesse samba aqui? Eu acho que ele vai ficar feliz *pra caramba*”. E foi dito e feito. Quando a gente levou o samba gravado para ele lá, ele chorou. A reação de ouvir o nome da esposa dele no samba foi um negócio impressionante. E a gente acabou criando uma relação bem legal. A gente apresentou depois o projeto para ele, ele não mexeu em nada, não... Ele falou: “Está melhor do que eu pensava”. Foi um puta desfile! Legal *pra caramba*! A receptividade do público com ele também foi algo... E aí depois, no hotel... Eu não lembro o horário que a gente desfilou, mas eu sei que a gente saiu da avenida já muito tarde. Aí ele fez questão... Ele me chamou depois no quarto do hotel, fez questão que eu levasse todo mundo da diretoria, o carnavalesco, o pessoal da diretoria, para bater foto no quarto dele. E aí, na hora que a gente chegou, ele estava de pijama, ele e a esposa dele de pijama. Sabe aqueles tiozinhos, aqueles pijamas lá? [*risos*] Muito legal, cara! Muito impressionante, cara! Muito impressionante! Foi uma das melhores coisas que a gente fez na Mancha até hoje, foi o enredo dele. O do Mário Lago também foi um puta carnaval, e acho uma grande homenagem. Pena que já não era mais em vida, não é?

B.B. – Também foi uma ideia sua? Como é que vocês escolheram, chegaram ao Mário Lago, à ideia de homenagear ele?

P.A. – Foi.

B.B. – Foi sua.



P.A. – Foi. Eu estava saindo para a reunião, antes da apuração do carnaval anterior, eu estava saindo para a reunião, estava passando aquele programa *Sarau*, do Chico Pinheiro, e era sobre o Mário Lago. Aí até eu atrasei para ir para a reunião dos presidentes, que é aonde abrem as atas e tudo mais. Aí eu parei e fiquei assistindo ao programa. Aí eu falei: “Putá! Que enredo, não é?”. Aí liguei para o Chico Pinheiro, falei: “Chico, você me ajuda? Eu estou pensando em fazer esse enredo aqui”. Ele falou: “Que enredação, mano!” Aí eu falei: “Então me ajuda aí no contato com a família dele”. Aí ele passou o telefone do Mariozinho, aí a gente conversou. De imediato, assim, de momento, de primeiro, ele não aceitou. Não falou sim nem não, mas falou: “Tenho que conversar com a família, é uma escola ligada a torcida, a gente vai ver”. Eu falei: “Não tem problema. Conversa, vê o que vocês resolvem aí”. Depois de uns cinco dias, ele ligou, falou: “A gente fez uma reunião de família, a gente levantou o histórico da Mancha no carnaval, então, a gente aceita, sim”. Aí foi o maior barato, cara! Também foi um outro enredo...

B.B. – E a família foi desfilar?

P.A. – Foi a família inteira, gente *pra caramba*. A gente perdeu até ponto no carro, porque eles vieram no abre-alas e aí alguém subiu com... [risos] É verdade. Alguém subiu com uma bolsa verde, uma bolsinha verde, e aí, durante o desfile, colocou no piso do carro, e o jurado sentou o couro na gente, tirou nota, por causa dessa bolsa. Acho que não viram alguém subindo com a bolsa. Mas veio bastante gente: veio netos, os filhos... Foi bem bacana. Foi um carnaval legal, também, bem desenvolvido. Foi legal.

B.B. – O do estado de Pernambuco foi na sequência da...

P.A. – Na sequência.

B.B. – ...da homenagem ao Ariano Suassuna.

P.A. – Na sequência. A gente, na Secretaria de Cultura, no enredo Ariano, a gente foi conversar com a secretária... Era uma secretária. Não lembro o nome dela agora. Era uma secretária. E aí, na antessala, num prospecto que tinha lá sobre a cultura, tinha lá: “Pernambuco, nação cultural”. Aí eu olhei e falei para o diretor-geral nosso lá, **o Paulo**: “Pô! Isso aqui dá carnaval,

hem, cara?”. E aí, depois, a gente fez amizade com a secretária, e conversa daqui, conversa de lá, aí eu falei para ela. Aí ela falou: “Vocês não têm coragem. Dois anos seguidos, vai falar de Pernambuco?”. Eu falei: “Então a senhora vai ver se nós não vamos fazer esse carnaval”. Aí fizemos. Ela veio desfilando. Veio ela, o filho dela. Até deu entrevista na Globo, na largada da escola – ela desfilou com a bandeira de Pernambuco nas costas. Foi o maior barato. Foi legal.

B.B. – E você já está, além do centenário, já está aí pensando para 2016? Ou tem que vir uma inspiração aqui...?

P.A. – Para falar a verdade, ainda não. Porque a gente está com tanto problema esse ano! A gente não assinou contrato com a prefeitura até agora, está tudo tão difícil, cara! E é um ano muito difícil de você negociar. Então o carnavalesco apresenta as viagens dele lá, os sonhos dele, e eu não consigo cortar as coisas. Porque está envolvendo a paixão. Então, por exemplo, o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, “a gente quer fazer desse jeito aqui, não sei o quê, mas vai 2.800 faisões”. Eu falei: “Vocês são loucos, mano! Não. Vamos ver, vamos cortar”. Comprei 3.000 faisões; não comprei 2.800. Só que um faisão é 20 reais. Tem quase um carro de luxo só de pena, na roupa. Então você não consegue. Porque você fala: “Meu primeiro casal; o desenho, já fez do jeito que eu quis...”. Porque eu falei: “Eu quero todos os símbolos do Palmeiras, desde o primeiro”. Então, quando ela estiver rodando, vai aparecer tudo. Aí eu falei: “Vamos dar um jeito, vai, e a gente faz”. Então é complicado. Aí você vai colocar neon no segundo carro: “Tem uns corações lá, vamos colocar aqui”. Mas tem um outro coração no meio que é de ferro, é grande *pra* caramba, aí já fala para o cara: “Tira a medida lá. Vamos ver”. “Se você for fazer aquele lá, eu estou te devendo um favor, aí eu te ajudo”. Aí já colocamos neon no carro inteiro. É complicado. É difícil de você ir cortando as coisas, entendeu? Nos outros é mais fácil, você está gelado, você está... não está envolvendo. Você quer fazer o melhor, mas você tem bom senso. Quando você está falando do Palmeiras, o bom senso ficou bem longe. Aí é difícil. Então ainda não tem... Quer dizer, na verdade, até tem, mas eu não sei se... Na verdade, até tem. De repente, até falar do Marcos<sup>32</sup>, dar uma sequência. Porque o Marcos é um cara que merece, também, porque aquele cara é espetacular. Ele é um... A humildade dele, também. Ele é sensacional. Então até tem. Mas eu não sei se...

---

<sup>32</sup> Muito provavelmente, refere-se a Marcos Roberto Silveira Reis, ex-goleiro do Palmeiras.

B.B. – Se vai vingar. Se vai ser esse mesmo.

P.A. – Porque você pega jurado que torce para todo time, menos para o Palmeiras. Aí dois anos você arriscar é complicado. Queda de novo, a gente não aguenta, não.

J.F. – Então, Paulo, dentre as derrotas mais doídas, para você, é aquela em Bragança, em 1989, quando o Palmeiras fez uma campanha extraordinária? E aí, por favor, se você puder contar o conflito...

P.A. – Aquela derrota lá, para falar a verdade, depois da briga lá, eu nem sabia qual tinha sido o resultado do jogo. A derrota mais marcante para mim, que mais me incomodou, foi no Japão, em 1999. Essa foi complicada.

B.B. – Você estava lá?

P.A. – Estava. Agora, em Bragança, a gente tinha... O Moacir era presidente e a gente... Foi até logo depois da eleição dele. A gente foi dentro do ônibus conversando... Ou seja, logo depois da morte do Cléo, não é? E a gente estava dentro do ônibus conversando uma série de situações aí que acabaram, dentro do jogo... Aconteceu tudo que a gente acabou conversando, que a gente tinha que estar todo mundo junto, a gente tinha que estar unido, essas coisas aí. Porque acabou saindo uma briga por besteira. Porque acabou o primeiro tempo e ia entrar um carro dentro de campo, uma picape, e tinha geladeira, fogão em cima e o caramba, que os caras iam sortear. Aí dois amigos nossos, o Nivaldo e o Beto, subiram nesse carro, para entrar dentro de campo. E aí entraram. E a torcida do Bragantino se incomodou. Aí a polícia foi e tirou os dois. E aí tinha um cara com uma camisa de outro time, que não tinha nada a ver com o Bragantino, e aí começou uma provocação lá nas cordas e um cara da Mancha passou. Quando ele passou, começou um tumulto. E ele estava sozinho. Aí eu acabei passando também – mais para buscar ele do que qualquer outra coisa –, aí começou a briga com a torcida deles lá, eu e ele. E aí o pessoal querendo passar, e não conseguia por causa da polícia. Então começou um tumulto bravo, que acabou resultando... Foi uma pancadaria de quase uma hora com a polícia. E tinha um policial que estava com um cachorro, e ele, com o cachorro numa mão e com uma faca na

outra, ele cutucava os caras com a faca, soltava o cachorro em cima do pessoal. E o cachorro estava incomodando. Você não conseguia nem chegar perto dele, entendeu? Ou era a faca ou era o cachorro, desses cachorros bravos *pra* caramba. E aí tinha um alemão na Mancha, um louco, ele veio correndo, pulou em cima do cachorro, agarrou o cachorro. Aí o polícia acabou se dando mal. E aí os caras... Ele levantou e saiu gritando: “Viva os gatos! Viva os gatos!”. E até hoje todo mundo fala que ele mordeu o cachorro, e aí ele mordeu e gritou “viva os gatos!”. [risos] Ai! Mas essa briga de Bragança foi feia, também. Foi complicado.

B.G. – Tem alguma outra história, alguma outra coisa que você...?

P.A. – Ah! [**Inaudível**]. [risos] Assim, que eu... Lá no Japão foi muito engraçado. Porque, lá no Japão, os caras falavam tanto de *hooligans*, *hooligans*, *hooligans*, aí o pessoal andava a noite inteira, lá em Tóquio, tentando achar os *hooligans*. [risos] A gente ficava andando, vai para cá à noite, passeia, aí vinha um grupo de palmeirenses e falava: “Tem uns ingleses lá que estão folgando com todo mundo”. Aí ia todo mundo para lá. Aí chegava, já não tinha mais ninguém. Aí os caras foram numas boates lá, encontraram os caras, aí bateram nos caras na boate. E os japoneses [são] muito educados, não é, cara? E era cada coisa. A gente indo para o estádio e a guia tentando explicar algumas coisas: “Você tem que tomar cuidado, aqui não é o Brasil; aqui, se ficar preso, vai ficar preso mesmo”, e os caras já combinando de invadir o campo, se o Palmeiras ganhasse o jogo. Aí... “Mas vai ficar preso.” “Foda-se, se vai ficar preso! O Palmeiras é campeão do mundo. Uma hora eles vão mandar a gente embora daqui.” Aí passa na frente de uma loja no Centro lá, uma fila absurda, os caras... Uma loja do Manchester, os caras vendendo as coisas do Manchester. Mas era muito japonês comprando. Aí os caras abaixam as calças, ficam mostrando a bunda na loja. A japonesinha, coitada, ela ficava desesperada. E aí foi uma coisa impressionante, porque a gente chegou umas duas horas ou duas horas e meia antes do jogo começar... E o estádio lá era tipo o Morumbi, tinha um túnel embaixo, e a gente antes não sabia como que passava, se você entregava o ingresso logo na primeira barreira, que já era na porta do estádio, ou era lá dentro. E a gente parado, descendo instrumento, as faixas, e os ônibus chegando, e os caras tudo em cima do ônibus surfando, com camisa da Mancha, com o agasalho. Eu falei: “Mas de onde saiu tanta gente assim?”. Era muito palmeirense, **por causa dos** japoneses que estavam lá trabalhando. Mas era muita gente. E cara que a gente também já nem via, cara que era da Inferno Verde, cara lá de trás, que fazia tempo

que não via. E os caras desciam e falavam: “A gente não tem ingresso”. Aí começamos com um ingresso e ia passando pela barreira: dava o ingresso... Porque lá ninguém é tão errado, só quem vem de fora. Então eles confiam em tudo. Tanto é que o metrô lá... [risos] Achava um absurdo. Você ia no metrô, na máquina, aí você... “Vou andar três estações”, aí você apertava lá três... É trecho, não é? Aí você pagava o trecho. Você coloca o dinheiro na máquina. Então, se você colocar que você vai andar dois trechos e ficar andando o dia inteiro de metrô lá, ninguém está lá para ver o que está certo, o que está errado. E aí a gente passava o ingresso... Porque o cara não destacava, então, você passava o ingresso pela lateral, e foi entrando todo mundo, foi entrando todo mundo, entrando todo mundo, aí começamos a fazer um samba no túnel. Aí travou tudo. Era muita gente. Aí os japonesinhos, os policiais, **vinham**, todo educadinho, de luvinha na mão, pedindo para a gente sair. E aí vai sair como? Porque 60% dos caras que estavam ali não tinham ingresso. Como que a gente vai entrar? Aí você entregava o ingresso... Você saía do túnel, aí tinha uma portinha, assim, e aí ficavam dois caras pegando o ingresso. Aí eu falei: “Ah, amigão, levanta os instrumentos, pega as bandeiras, vamos todo mundo junto, mano, e passa. Entrega quem der para entregar ingresso”. Passou aquela leva. Aí você entra na arquibancada: aí os caras comendo de *hashi*, comendo tudo quietinho, nos lugares deles lá. E aí vem, aí um olha aqui, outro olha... “Não, vamos ficar ali.” Aí começa a juntar, a juntar... E aí, coitados, os caras vinham com aquelas marmitinhas na mão, com o ingresso... “*Ticket*. É o meu banco”. Os caras falavam: “Ô japonês, dá licença. Vai sentar *pra* lá, vai, mano.” Aí chama a polícia e reclama, e chama a polícia e reclama... Chegou uma hora que aí chegaram uns policiais, aí eles puxaram a fita, essas fitas zebradas, começaram a puxar lá de cima, assim, e descendo, passaram por nós, cercaram a gente na fita, tipo assim: “Mete esses loucos aí. Trava esses desgraçados e deixa aí”. Os caras pendurando as bandeiras nos mastros das bandeiras... Tinha bandeira de um monte de país, aí os caras desciam [as bandeiras dos países] e subiam as bandeiras do Palmeiras, da Mancha. Os caras ficavam desesperados. Acho que foi até bom que o Palmeiras não ganhou. Se ganha, eu não sei o que ia acontecer, cara.

B.B. – Estariam lá ainda.

P.A. – Mas a gente ficou lá... acho que dois ou três dias, antes do jogo. Teve cara que foi para lá que não tinha dinheiro para comer. O cara só conseguiu juntar o dinheiro da passagem, do pacote de passagem e hospedagem, mas não era com café da manhã, o hotel. Se abrisse a mala

do cara, era só pacote de bolacha. “Você vai ficar comendo bolacha?” Ele falou: “É o que eu tenho, Paulinho”. Eu falei: “Não, fica com a gente, mano”. Aí a gente parou em... acho que foi em New York, para poder abastecer a nave, e aí não deixaram a gente ficar lá em cima. Porque quem não tinha visto americano não podia ficar no aeroporto dando uma volta. Aí trancaram a gente lá no porão do aeroporto, lá numas salas. Aí eu falei... E a gente desceu cheio de instrumentos, e aí passa uma hora, passa duas, eu falei: “Os caras não vão tirar a gente daqui, meu. Vamos passear, mano”. Aí começamos a andar e pegar aqueles carrinhos tipo de golfe que tem lá nos aeroportos, aí ficamos passeando, aí vai, volta. Aí, na sala que a gente estava, tinha um monte de caixa empilhada, ficou todo mundo olhando, aí ninguém entendia o que estava escrito. Eu falei: Vamos abrir uma para ver o que é. [riso] Aí abrimos, aquelas castanhas, amendoimzinho... Eu falei: “Ah, mano. é isso aí que a gente vai levar”. Aí abrimos, jogamos... Saímos carregados daqueles negócios. Subimos no avião... Aí as mulheres vinham entregar umas comidas estranhas, porque aí, dos Estados Unidos para lá, depois, era só comida japonesa: arroz com uns negócios em cima. Aí os caras olharam... “Isso aí não. Desce a nossa bagagem aí, começa a comer.” E os horários são todos ao contrário, não é? Chegou um momento no avião que queriam que fechassem as janelinhas. Maior sol, de dia. “Tem que fechar porque os caras querem dormir.” Eu falei: “Quer dormir para que, mano?”. Aí foi a Patrícia com a gente. Foi ela, o filho e o pai. [São] palmeirenses *pra caramba*. Eles são... O marido era leiloeiro e o caramba. A mulher gastando... Como gastou dinheiro, aquela mulher! Nunca vi uma pessoa gastar tanto dinheiro na vida, cara! Nós fomos naquela... Acho que é a maior loja de CD do mundo. O que o filho dela comprou de CD, meu! Os caras olhavam assim... “Não é possível!” Estava comprando do Elvis Presley, o primeiro LP. Tudo caro, tudo uma fortuna. Aí o café da manhã era tudo no quarto dela, de manhã. Não tinha o que comer, ia para o quarto dela. Aquele bando, no quarto dela. E bebia *pra caramba*, a mulher. Na volta, ela deu um trabalho desgraçado. Ela queria entrar no banheiro, não tinha decolado o avião, e ela querendo ir no banheiro, e a pessoa que estava no banheiro embaçando *pra caramba* para sair do banheiro. Aí o que ela vai e faz? Ela começa a bater na porta do banheiro e fala que está passando mal. “Não, eu tenho que entrar”, falando em inglês. Ela falava inglês, e falou que estava passando mal. O quê?! Ela entrou no banheiro. Quando ela saiu, sentou, aí a aeronave não ia, não ia, não ia. “O que está acontecendo?” De repente, entrou polícia *pra caramba*, médico... Ele falou: “Está passando mal, não pode embarcar.” Ela falou: “Como não vou embarcar?!”. Começou a fazer um escândalo, falou: “Daqui ninguém vai me tirar!”. Ela gritava dentro do avião. E para

explicar para os caras que ela não tinha nada, que ela tinha inventado que ela estava passando mal só para poder usar o banheiro? História, tem *pra* caramba! Se for contar...

B.B. – Não acaba hoje, não é? Bom, Paulo Rogério Serdan, gostaríamos de te agradecer muito, foi muito bacana a entrevista. Quase quatro horas, não é?

P.A. – Sei lá.

B.B. – Foi sensacional.

B.G. – Três horas e meia.

B.B. – Três horas e meia. Em nome do Museu do Futebol e da Fundação Getulio Vargas, a gente quer te agradecer muitíssimo pela oportunidade aqui de compartilhar com a gente as suas histórias, lembranças, enfim, a sua participação à frente da Torcida Mancha Verde e, agora, da Escola de Samba Mancha Verde. Muitíssimo obrigado.

P.A. – Eu que agradeço. Para a gente é uma honra. Infelizmente, nem todo mundo tem o pensamento de... ou dá o direito de a gente, que é de torcida ou que fez parte, de tentar explicar o que é a paixão de ser torcedor, de o que é ser uma torcida organizada, de o que é tentar fazer... Pegar o lado ruim da história sempre é muito fácil, não é? Então, o dia que mais pessoas derem oportunidade para se conhecer quem está na frente, para se conhecer quem procura fazer e o perfil das pessoas, vão começar a entender que existe um outro lado. Então... Eu já vi centenas de casamentos serem realizados em torcida organizada. Também já vi um monte ser desfeito por causa de futebol. [*risos*] Mas faz parte, não é? Então, eu que agradeço. Para mim é... Foi um prazer.

[FIM DO DEPOIMENTO]